



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rosângela de Oliveira Ferreira

A poética de Amílcar Cabral

São Gonçalo

2023

Rosângela de Oliveira Ferreira

A poética de Amílcar Cabral

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dra. Norma Sueli Rosa Lima

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

F383 Ferreira, Rosângela de Oliveira.
TESE A poética de Amílcar Cabral / Rosângela de Oliveira Ferreira. –
2023.
90f.

Orientadora: Prof^a. Dra. Norma Sueli Rosa Lima.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de
Professores.

1. Cabral, Amilcar, 1924-1973 – Crítica e interpretação – Teses.
2. Política e literatura – Teses. 3. Nacionalismo – Cabo Verde –
Teses. I. Lima, Norma Sueli Rosa. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 869.0(665.8)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rosângela de Oliveira Ferreira

A poética de Amílcar Cabral

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em 08 de dezembro 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Norma Sueli Rosa Lima (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Cristina Cardoso Ribas
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof^a. Dra. Marinei Almeida
Universidade do Estado do Mato Grosso

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

À minha rainha-mãe Eny de Oliveira que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma. Além disso, dedico-lhe todos os meus títulos e diplomas conquistados até aqui. Ao meu pai Gejué Ferreira (*in memoriam*) que brilhantemente contribuiu para a minha formação intelectual e moral. Ao meu irmão Ricardo de Oliveira Ferreira que sempre me apoiou. À minha grande amiga Rosália Malafaia (*in memoriam*) que muito me ajudou nesta caminhada até a conquista do grau de mestre em Estudos Literários. Às minhas amigas de longa data Tatiana Lourenço e Roselaine Nalu, que me ampararam nos momentos mais difíceis pelos quais passei na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Norma Sueli Rosa Lima que esteve ao meu lado desde a época da monografia e apresentou-me as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, e em especial Cabo Verde. Em 2016, a Profª Norma ministrou a disciplina de Metodologia 1 e a partir daí formou-se uma amizade. Na época, solicitei que fosse a minha orientadora para o trabalho de conclusão do curso de Letras: Português/Literaturas. Obrigada pelos conselhos e ensinamentos no momento da correção dos meus textos acadêmicos, que possibilitaram a conclusão desta dissertação.

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), à Faculdade de Formação de Professores (FFP) e pelas amizades e aprendizagens conquistadas desde 2014, o ano da minha entrada como graduanda no curso de Letras.

Agradeço a todos os professores da graduação e da pós-graduação (stricto sensu) pela contribuição na minha formação acadêmica, pois cada mestre deixou um legado que levarei comigo para a vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

O agradecimento especial vai para o Prof. Dr. Fernando Monteiro de Barros (in memoriam), visto que a sua gentileza e a sua calma produziam aquele doce encantamento em nós alunos quando declamava as poesias cânones da Literatura Brasileira ou quando falava de Charles Pierre Baudelaire.

Neste sentido, agradeço a todos que de alguma forma me apoiaram no trajeto: graduação x especialização x mestrado, hoje vejo que o caminho foi árduo. No entanto, o percorri!

RESUMO

FERREIRA, Rosângela de Oliveira. *A poética de Amílcar Cabral*. 2023. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

A pesquisa tem por objetivo identificar a contribuição intelectual de Amílcar Cabral na criação de bases para a construção da Guiné-Bissau e de Cabo Verde na luta pela independência dessas duas nações. A poesia, enquanto palavra de combate, mas também estética, foi veículo de conscientização e de valorização da cultura desse autor figura-base da transformação, fundador do primeiro partido político de união – PAIGC (Partido Africano da Independência/União dos Povos da Guiné e Cabo Verde). Esse estudo teve como principais apoios teóricos os estudos de Simone Caputo Gomes, Moema Parente Augel, Benjamin Abdala Junior, Norma Sueli Rosa Lima, entre outros e obteve como resultado/conclusão perceber a importância da poesia enquanto palavra oral africana, que transformada em escrita de língua portuguesa, possibilitou a antropofagia enquanto valorização do dizer, em português, os fatos culturais africanos.

Palavras-chave: Amílcar Cabral; poesia; Cabo Verde; Guiné-Bissau.

ABSTRACT

FERREIRA, Rosângela de Oliveira. *The poetics of Amílcar Cabral*. 2023. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

The aim of this research is to identify Amílcar Cabral's intellectual contribution to laying the foundations for the construction of Guinea-Bissau and Cape Verde in the struggle for the independence of these two nations. Poetry, as a word of combat, but also aesthetic, was a vehicle for raising awareness and valuing the culture of this author, a key figure in the transformation and founder of the first political party of unity - PAIGC (African Party of Independence/Union of the Peoples of Guinea and Cape Verde). The main theoretical support for this study was provided by Simone Caputo Gomes, Moema Parente Augel, Benjamin Abdala Junior, Norma Sueli Rosa Lima, among others, and its result/conclusion was the realization of the importance of poetry as an African oral word, which, transformed into Portuguese-language writing, made anthropophagy possible, as the valorization of African cultural facts in Portuguese.

Keywords: Amílcar Cabral; poetry; Cape Verde; Guinea-Bissau.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE CABO VERDE	11
1.1	A busca de recursos: o início da subjugação	11
1.2	A localização privilegiada	14
1.3	Cabo Verde: formação da sociedade	15
2	AS POESIAS DE AMÍLCAR CABRAL	28
2.1	O impacto da chegada da imprensa	28
2.2	Os reflexos do Modernismo no Arquipélago	32
2.3	Amílcar Cabral e sua poesia	44
3	O LEGADO DE HUMANISTA	63
3.1	A diplomacia de Amílcar	63
3.2	Rumo à liberdade	68
3.3	Os descaminhos da independência	76
	CONCLUSÃO	83
	REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

A dissertação pesquisa a trajetória da vida e da poética de Amílcar Cabral, até o seu assassinato em plena luta de libertação em janeiro de 1973. Foi necessário trazer para a pesquisa como ocorreu a colonização de Cabo Verde, para compreender a gênese da opressão a qual os escravizados eram expostos e o cenário dos movimentos independentistas.

A pesquisa foi pautada em dados bibliográficos e em sites oficiais do arquipélago, assim consegui traçar como era a sociedade cabo-verdiana antes e após a independência da então colônia portuguesa, em 5 de julho de 1975. Na dissertação, exponho o percurso realizado por Amílcar até o ápice das lutas que culminou com a queda do regime fascista e, posteriormente, com a independência de Cabo Verde e da Guiné-Bissau.

Amílcar Cabral alcançou a mesma visibilidade de Nelson Mandela no continente africano. Mandela ficou mundialmente conhecido como uma das personalidades que mais se empenhou na luta contra o Apartheid na África do Sul e recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1993. Em uma entrevista concedida ao jornalista francês Gérard Chaliand, que faz parte do seu livro de memórias *A Ponta da Navalha* (2011), o repórter ressaltou a importância da luta de Mandela no que diz respeito ao término da segregação racial imposta aos negros sul-africanos (ao longo das décadas de 1948 a 1994) e a seguir elogiou o político dizendo “tu és o maior”. No entanto, a sua humildade fez com que negasse esta afirmação e destinasse este título a Amílcar Cabral ao dizer, “não, o maior é Cabral”.

No livro o jornalista se posicionou favorável ao Movimento Independentista deflagrado na Guiné-Bissau, mostrando a amplitude dos ideais de Cabral no que se refere à libertação física e do pensamento do africano colonizado. A magnitude do Pai da independência foi e ainda é reverenciada em vários continentes, mesmo após 50 anos do seu assassinato.

O contexto histórico da pesquisa se entrelaça com o da sua poesia combativa neste sentido segundo Benjamin Abdala Júnior (1989) o autor, ao ser engajado, traz para as suas poesias o retrato social. Cabral procurou resolver diplomaticamente a libertação das colônias, mas a morte de cinquenta trabalhadores que reivindicavam

melhores condições de trabalhos em Pidjiguiti promoveu a entrada do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) na guerra.

Os confrontos aconteceram na Guiné, pois era uma área de mata enquanto em Cabo Verde não poderia ocorrer o confronto por se tratar de um arquipélago (composto por dez ilhas de origem vulcânica e distantes uma das outras), que marcou, inclusive literariamente, o cenário dos guerrilheiros.

As suas poesias combativas caminharam com os fatos da sociedade colonial. Neste sentido, os seus versos registraram a história e o impacto da permanência do colonizador no Arquipélago. Eles foram o veículo pelo qual os dissabores eram narrados para outras colônias e até mesmo outros continentes, visto que possuíam uma temática denunciativa. Logo, neste momento, o discurso político dirige o artístico, mas sem perder a veia poética na qual a mensagem consegue ser transmitida. Nessa perspectiva, política e literatura são paralelas, mas com um ponto de convergência entre elas.

Através da análise das poesias, será possível identificar a conexão entre a literatura e a política que é o canal pelo qual as vozes silenciadas são ouvidas. A sua poética se tornou a ferramenta de libertação do jugo português, pois poderia ser definida como um canto armado de conscientização carregada de utopia que convocava ao levante, à exaltação patriótica, ao enaltecimento dos heróis nacionais, à denúncia dos problemas sociais e à luta por uma sociedade mais justa.

O presente trabalho está dividido em três capítulos que correspondem aos seguintes tópicos: O Capítulo I - **A história da colonização de Cabo Verde** - traz o contexto das expansões portuguesas. No percurso de Cabo Verde, de colônia à "extensão do Ultramar", o aumento da opressão de Salazar levou os escritores cabo-verdianos a repensarem o papel da literatura, a fim de criarem uma identidade própria. A fundação da Revista *Claridade*, em 1936, propiciou a mudança de direção da literatura do arquipélago. Ela surgiu em um momento de grandes turbulências nacionais e internacionais marcadas pela recessão das nações capitalistas e pela opressão do regime fascista nas colônias portuguesas. Além disso, contribuiu para que surgissem, a partir de 1960, as poesias combativas que serviram ao projeto nacionalista de libertação do governo de Salazar. O arcabouço conceitual teórico deste capítulo terá como base os estudos empreendidos por: Eduardo de Sousa Ferreira (1977), José Tengarrinha (2000), Leila Leite Hernandez (2002), Norma Sueli Rosa Lima (2019), Rui Ramos (2009), Sónia Vaz Borges (2008), entre outros.

O Capítulo II – **As poesias de Amílcar Cabral** - traz o nascimento da Literatura no Arquipélago e discorre sobre a chegada da imprensa, que propiciou o surgimento do Boletim Oficial do Governo-geral de Cabo Verde, que tinha a função de publicar os primeiros periódicos da Colônia. O Modernismo Brasileiro foi importante para o surgimento de uma Literatura voltada para a realidade do Arquipélago e o surgimento mais à frente da Literatura de combate. A biografia e análise das poesias de Amílcar Cabral também estão presentes neste capítulo. Em 1956, foi criado o PAIGC que proporcionou a união destas duas nações que deram o nome ao partido (Guiné-Bissau e Cabo Verde) para juntas lutarem pela libertação da opressão imposta por Portugal. Além disso, o partido promoveu a descolonização das mentes ao ofertar aos guerrilheiros uma educação crítica, pois somente desta forma iniciaria o processo de conscientização acerca das dominações físicas e mentais as quais eram expostos pelo colonizador. A poesia combativa de Amílcar tornou-se uma arte escrita que se empenhava em apontar os problemas sociais e um contexto histórico injusto. Cabral foi assassinado em 20 de janeiro de 1973 e foi comparado a Ernesto Che Guevara, pois ambos foram mortos ao lutarem pelos seus ideais em prol de uma sociedade mais justa. O arcabouço conceitual teórico deste capítulo terá como base os estudos empreendidos por: Achille Mbembe (2014), Benjamin Abdala Júnior (1989), Mariana Rodrigues Veras (2020), Octavio Paz (1982), Paul Ricoeur (2017), Rui Ramos (2009), Simone Caputo Gomes (2008), entre outros.

O capítulo III - **O Legado de um humanista** - desenvolve temáticas como a morte de Amílcar Cabral, a derrocada do fascismo, a independência de Cabo Verde e o impacto do neocolonialismo no desenvolvimento da nova nação africana, pois mesmo após a libertação o Arquipélago estava condicionado a perpetuar a condição de ser uma colônia das potências desenvolvidas, visto que as ilhas eram recém-libertas e empobrecidas pelo colonizador. Além disso, discute a herança deixada por ele no que tange à educação, à saúde e à visibilidade feminina no século XXI. Neste sentido, será possível refletir em relação aos projetos implantados pelo governo com o objetivo de desenvolver o país e impulsionar o progresso e a economia local, logo, tais iniciativas postulariam melhores oportunidades de vida para os cidadãos das ilhas. O arcabouço conceitual teórico deste capítulo terá como base os estudos empreendidos por: Benjamin Abdala Júnior (1989), Gayatri Chakravorty Spivak (2014), entre outros.

1 A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE CABO VERDE

1.1 A busca de recursos: o início da subjugação

Para compreender o cenário de lutas pela libertação de Cabo Verde na década de 1960 – período de sua maior efervescência - é necessário entender como ocorreu e quais os reais objetivos da Coroa portuguesa em relação à expansão do seu território além-mar. Desta forma, será possível delinear o panorama opressor no qual todas as ex-colônias ultramarinas foram expostas durante o período de cinco séculos de dominação do colonialismo mais longo da história da humanidade.

No século XV, período em que se iniciaram as grandes navegações ultramarinas, a Coroa passava por uma forte crise financeira devido ao cenário de guerra travado contra o Reino de Castela. A falta de recursos do Tesouro poderia ameaçar a sobrevivência de Portugal como entidade política independente e, portanto, a realeza estaria em perigo, visto que o Reino de Castela era uma ameaça constante à soberania do Reino Português.

A expansão ultramarina levantava a bandeira da questão da salvação das almas que não pertenciam ao cristianismo. No entanto, segundo Rui Ramos em *História de Portugal* (2009), havia interesses bem maiores e lucrativos que estavam por trás desta decisão, pois faltavam, em Portugal, muitos produtos agrícolas como, por exemplo, cereais e metais preciosos.

Portugal objetivava chegar às Índias, pois havia muitas informações de que, naquela região, existia abundância de especiarias (ouro, marfim, pimenta) que seriam capazes de impulsionar a economia do Reino. A captura do cativo – negro africano - para posterior venda foi outra maneira encontrada para arrecadar capital para a Coroa, pois durante muitos anos o tráfico negreiro foi a fonte mais rentável e desumana encontrada pela Realeza para estabilizar o Tesouro Real. Por esta razão, subentende-se que a ideia dominante da época apontava que o negro era o único de todos os seres humanos transformado em “homem-coisa” ou “homem-máquina” e o seu espírito convertido em produto.

A compra e venda de pessoas ocorriam de acordo com a cor da pele que teve como resultado o mercantilismo violento, através do tráfico negreiro. Em vista disso, os africanos passaram a ser associados a povos submissos, inferiores, incapazes e eram invisíveis perante os demais reinos, assim, dialogando com o pensamento de Achille Mbembe em *A Crítica da razão negra* (2018, p. 145): “Na perspectiva da razão mercantilista, o escravo negro é simultaneamente um objeto, um corpo e uma mercadoria”, além disto, poderia ser chamado de homem-moeda.

Em 1446, os portugueses já haviam chegado às ilhas de Cabo Verde. A missão da Coroa portuguesa cumpriu o projeto de expansão na costa africana que objetivava a abertura de novas rotas comerciais, a evangelização e o tráfico de escravos. Assim, em outras palavras, o rei enviava as esquadras de acordo com o que ele julgava necessário e com os propósitos a serem cumpridos. Segundo Leila Leite Hernandez em *Os filhos da terra do sol* (2002), a igreja foi parceira da monarquia lusitana desde o período das grandes navegações, pois disseminava os valores do catolicismo e “absolviam os portugueses capazes de obter escravos e ouro” (HERNANDEZ, 2002, p. 21).

A Coroa portuguesa orquestrou um grande empreendimento militar com total aval da igreja na busca de estender o seu território além-mar. O marco da expansão ultramarina foi a tomada de Ceuta, em 1415, no Marrocos. Em 1419, sob bandeira portuguesa, ocorreu o povoamento do arquipélago da ilha da Madeira. Em 1427, foi a vez dos Açores. Após tentativas frustradas, avançou-se além do cabo Bojador, em 1434. Em 1446, os portugueses já haviam chegado às ilhas do arquipélago de Cabo Verde. As navegações tiveram continuidade nas décadas seguintes com o reconhecimento e exploração do litoral africano até Serra Leoa, alcançada em 1460. (RAMOS, 2009).

Entre 1470 e 1474, capitães portugueses percorreram a costa do golfo da Guiné e encontraram a primeira de suas ilhas (Fernão Pó). Na década de 1470, as ilhas de São Tomé e Príncipe foram alcançadas. Em maio de 1498, chegaram às Índias e essa viagem abriu a rota comercial que ligava o Oriente à Europa iniciando o domínio português naquele oceano. (RAMOS, 2009).

José Tengarrinha em *História de Portugal* (2000), aborda que o esforço militar empreendido pela Coroa durante a expansão ultramarina resultou na anexação de vários territórios a Portugal, os principais foram: Guiné-Bissau, Cabo Verde, São

Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Brasil, além de outros países da África austral.

A força imposta pela Coroa aos escravizados dos territórios invadidos proporcionaram um cenário de violência e opressão, visto que até à chegada dos portugueses ao continente africano todos eram livres. O princípio do Reino era considerar que o colonizado não seria semelhante ao homem branco, assim Frantz Fanon em *Os condenados da terra* (1961, p. 12) comenta sobre a inferiorização do homem negro, “ordena-se e reduz-se os habitantes dos territórios anexados ao nível dos macacos superiores, para justificar que o colonizador os tratasse como bestas”. O sentimento de insignificância forçada pelo europeu resultou na imposição da cultura europeia e todos os costumes do povo dominante tornaram-se obrigatórios, afinal segundo Frantz Fanon, *Pele negra máscaras brancas*, (2008, p. 34), “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.”

Segundo Eduardo de Sousa Ferreira em *O fim de uma era: O colonialismo Português em África* (1977), a história colonial entre os séculos XV e XIX teve como destaque o tráfico de escravos. A partir do século XIX, após a abolição da escravatura no continente africano, o trabalho forçado continuou a ser praticado sem nenhum tipo de constrangimento pela Metrópole. Percebe-se que o negro era associado a um “corpo de extração” devido a sua força física para gerar riqueza para o colonizador. Nesta perspectiva, segundo MBEMBE (2018):

As mercadorias só têm valor porque contribuem para a formação de riqueza. (...) Na perspectiva da razão mercantilista, o escravo negro é simultaneamente um objeto, um corpo e uma mercadoria. Enquanto corpo-objeto ou objeto-corpo, possui uma forma. É também uma substância potencial. Essa substância, que gera seu valor, deriva de sua energia física. É a substância-trabalho. O negro é, desse ponto de vista, uma matéria energética. (MBEMBE, 2018, p. 145).

O início da subjugação ocorreu de forma violenta e sangrenta, pois os territórios invadidos pela esquadra ultramarina, durante a expansão marítima, eram habitados e os nativos não aceitaram pacificamente esta invasão. Segundo Hernandez (2002), as únicas exceções foram Cabo Verde e São Tomé e Príncipe que estavam completamente desabitadas e sem vestígios de vida, sendo povoados posteriormente com escravos guineenses. A busca incansável por recursos minerais, especiarias e escravizados conseguiu estabilizar a receita do Tesouro Real. Antes da entrada dos lusitanos, homens, mulheres e crianças que eram livres

na Guiné-Bissau, mas tornaram-se peças a serem vendidas como mercadorias, além disso, eram expostos a todo tipo de violências e humilhações – salvo os territórios que estavam despovoados. O africano passou a ser visto como um povo servil e esta imagem foi construída pelo sistema escravocrata, logo no início do colonialismo.

As grandes navegações do século XV proporcionaram o nascimento do colonialismo português que era alicerçado no eixo binário colonizado/colonizador, além disso, o tráfico negreiro e o trabalho escravo serviram para legitimar a hierarquia no que tange à escala social. Portugal estimulou as divisões, as oposições e a partir das colonizações arbitrárias e violentas nasceu o racismo estrutural que está presente na sociedade atualmente, portanto, segundo o pensamento de Fanon em relação a esta dicotomia (1961, p. 33), “Este mundo em compartimento, esse mundo dividido em dois, está habitado por espécies diferentes”, percebe-se uma linha divisória entre o homem negro e o branco.

1.2 A localização privilegiada

Cabo Verde situa-se na Zona Tropical do Atlântico Norte a cerca de 500 km do promontório africano que constitui o marco fronteiro entre o Atlântico Norte e o Atlântico Sul. A sua localização privilegiada permitia aos navegantes o acesso fácil aos continentes africano, europeu e americano. A sua área total é de 4.033 km² de terras emersas e encontra-se, aproximadamente, a 2.783 km de Lisboa. O espaço marítimo corresponde a 600 000 km². O país é constituído por 10 ilhas, das quais 9 são habitadas e vários ilhéus desabitados.

A localização geográfica de Cabo Verde está de acordo com as seguintes coordenadas: entre os paralelos 15° e 17° de latitude norte e as longitudes de 22° 41' e 25° 22' oeste de Greenwich. É constituído por dez ilhas principais: Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo, Brava e Santa Luzia (desabitada). (CABO VERDE, 2013, p. 2).

As estações do ano são, fundamentalmente, duas: a chuvosa ou ázaguas (de agosto a outubro) e a seca ou o tempo das brisas (de novembro a julho), portanto, a escassez de água é agravada por longos períodos de seca, assim torna-se difícil

sobreviver em região tão inóspita. Neste sentido, o déficit hídrico é o entrave ao desenvolvimento atual do país, embora o governo venha investindo através da captação de águas subterrâneas com abertura de furos e poços e da dessalinização da água do mar. (CABO VERDE, 2013, p. 2).

Cabo Verde é pobre em recursos naturais, mas reúne condições adequadas para o turismo como temperatura moderada, elevada insolação, escassez de precipitações, variedades de paisagens, e a importância da sua biodiversidade. Outro fator limitante para o desenvolvimento de Cabo Verde é a energia.

As dez ilhas estão dispostas no centro do Oceano Atlântico. Segundo Hernandez (2002), durante o período da colonização, a sua localização geográfica garantiu a Portugal um importante ponto de apoio para que a metrópole continuasse com a expansão mais ao sul e assegurava o comércio na costa africana, além disso, a possibilidade de continuar com as expedições às Índias Ocidentais e América.

A posição privilegiada de Cabo Verde permitia que os seus portos servissem como um amplo entreposto comercial de compra e venda. Santiago, entre os anos de 1462 a 1647, foi um entreposto cuja atividade mais rentável era o tráfico de escravos. As demais colônias comercializavam produtos de acordo com a necessidade da Coroa e as mercadorias eram enviadas para vários destinos da Europa.

1.3 Cabo-Verde: formação da sociedade

Em 1462, teve início o lento e difícil povoamento mediante ao efetivo processo de ocupação portuguesa na ilha de Santiago que, até 1647, constituía predominantemente um entreposto de escravos.

Segundo Hernandez (2002), diante da falta de recursos, das adversidades climáticas e da natureza, muitos portugueses e outros europeus regressaram à sua terra natal. O poder colonial considerou que só a força da mão de obra escravizada poderia minimizar a agressividade natural e permitir “o surgimento civilizacional” das Ilhas. De acordo com o pensamento de Daniel dos Santos em *Amílcar Cabral: um outro* (2014):

A ocupação humana de Cabo-Verde decorreu pacificamente, ao contrário da que se verificou noutras terras colonizadas pelos portugueses (...) A colonização moderna, que Vicente Ferreira considera um fenómeno social complexo, implica o descobrimento, a conquista, a ocupação e o povoamento (...) Ante este quadro, Cabo Verde, porque era um território *res nullis*, sem população e cultura autóctones, não conheceu semelhante processo social porque lhe faltou também um outro elemento – a conquista, “isto é, o saque das riquezas acumuladas e a dominação dos aborígenes, com o desmantelamento direto de suas estruturas políticas tradicionais”. Daí que não se possa, com rigor acadêmico ou científico, falar de colonização quanto mais de colonialismo em Cabo Verde (SANTOS, 2014, p. 35)

Os portugueses começaram a povoar as ilhas, estimulando, além do interesse econômico imediato, a consolidação de uma sociedade crioula. Segundo o pensamento de Marcelo Quintino Galvão Baptista em *Ilhas de Cabo Verde: alguns aspectos de sua realidade* (2003):

Poucos homens brancos de fato se interessaram por essas ilhas. Dos cruzamentos desses europeus com mulheres africanas da Costa da Guiné, mais precisamente entre os limites norte do Senegal e o norte da Serra Leoa, surgiu o mestiço cabo-verdiano. Do lado africano, vários grupos étnicos contribuíram para essa mestiçagem: os fulas, os jalofos, os mandingas, os papéis, dentre outros. Cerca de vinte e sete grupos étnicos e subgrupos devem ter entrado nessas ilhas (BAPTISTA, 2003, p. 81).

Simão de Barros no artigo em *Origem das Colônias de Cabo Verde* (1939) ratifica o pensamento de BAPTISTA (2003):

Os seus habitantes derivam de elementos raciais diversos, vindos de diversos pontos, tendo, portanto, origens diversas. Os tipos étnicos que deram origem à formação da população cabo-verdiana foram os portugueses do século XV e XVI e o negro da Guiné e Serra Leoa. (...) a inigualável contribuição de outros povos europeus na formação dos primeiros mestiços cabo-verdianos, nomeadamente “os espanhóis, os franceses (normandos e bretões), os ingleses, os holandeses e, em menor escala, os judeus que, desde Filipe II de Portugal (século XVI), se mantiveram em Cabo Verde” (BARROS, 1939, p. 39).

Sonia Vaz Borges, na dissertação de mestrado *Amílcar Cabral: estratégias políticas e culturais para a independência da Guiné e Cabo Verde* (2008), aborda o processo do nascimento da sociedade crioula:

Uma mestiçagem se impôs no aspecto físico, associado ao isolamento e à escassez de mulheres brancas, que culminou nas Relações entre diferentes grupos, homem branco – mulher negra/escrava, e um processo de criouliização, aqui entendido como uma dinâmica social em que se misturam, chocam e interpenetram saberes, valores e símbolos oriundos de duas vertentes civilizacionais, neste caso africana e europeia, das quais

nascem, assumem e se percebem diferentes formas de comportamento, ora de formas mais próximas de uma ou de outra (BORGES, 2008, p.13).

Norma Sueli Rosa Lima em “Literatura Caboverdiana e hibridismo: diálogos com a Literatura Modernista Brasileira e criouliização” (2014) afirma que a língua do colonizador também foi reconfigurada, ou seja, passou pelo processo de antropofagia – procedimento pelo qual algo é “devorado”. O cabo-verdiano é o resultado dos múltiplos contatos linguísticos desencadeados durante o período do povoamento, portanto, é uma variante do português que fornece grande parte do seu léxico.

Antonio Carreira em *Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)* (1983) retrata que durante o período do tráfico negreiro 1462 - 1876, o rei de Portugal exigia que os escravizados aprendessem a língua do colonizador, assim seriam mais valorizados no ato da venda. Os ladinos dividiam-se em dois grupos: aqueles que chegaram ao arquipélago ainda crianças/adolescentes, que foram batizados, ensinados a trabalhar e aprenderam a falar o português e os boçais que trabalhavam em serviços mais pesados, segundo Norma Sueli Rosa Lima, “Literatura cabo-verdiana em trânsito” (2019):

Essa condição adveio da aprendizagem do português, em Cabo Verde, desde o século XVI (em 1570 foi erguido um Seminário nas ilhas, tendo sido enviados para lá, em 1647, 6 jesuítas), quando a Igreja esteve a serviço da exploração, catequizando-os e tornando-os capazes de se comunicarem pelo pidgin. A eles também foram ensinados ofícios — de carpinteiro, pedreiro, ferreiro, entre outros, — condições necessárias para que superassem o valor pago pelos outros africanos boçais (que não dominavam a língua do colonizador). (LIMA, 2019, p. 345).

Em função do aprendizado do português, o colonizador conseguia obter altos lucros no ato da venda dos escravos ladinos. Desta forma, o tráfico negreiro, em Cabo Verde, propiciou o bilinguismo, pois havia a língua do colonizador e a língua que surgia a partir do contato das diversas etnias com o europeu. A língua crioula era proibida aos escravizados que a utilizavam somente em ambientes não oficiais como, por exemplo, em casa ou em roda de amigos, Alberto Memmi comenta sobre este fato em *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, (1967, p. 97), o colonizado “Munido apenas de sua língua era um estrangeiro dentro do seu próprio país”, assim Fanon (2008, p. 50) ratifica o pensamento de Memmi, “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura.”

A igreja buscava impor meios de administrar e de garantir o domínio das relações entre as línguas – através da ladinização - e os povos que chegavam a Cabo Verde. As missões pacificadoras objetivavam “proteger” e “civilizar” o africano, para fazer dele um membro útil e servil da comunidade colonial. Albert Adu Boahen em *História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*, externa a relação do cristianismo x educação:

A estreita ligação do cristianismo com a educação não está sendo exagerada, haja vista que foi graças às inúmeras escolas fundadas pelos missionários que muitos africanos entraram em contato com a religião cristã. De fato, em muitas partes da África, a escola era a igreja. (BOAHEN, 2010, p. 611).

Portugal procurou, em cada época, ratificar o domínio dos territórios colonizados como se tratasse de uma obrigação social. A metrópole sempre esteve vinculada à Igreja Católica no seu “dever de colonizar” e “educar” os povos coloniais, dentro dos padrões do colonizador. Os negros deveriam adquirir a “cultura branca” e os princípios cristãos, a fim de ficarem submissos e disciplinados, ou seja, eram considerados como um objeto que precisavam ser domados. Além disso, na medida em que os escravizados absorviam os valores culturais da metrópole, mais se afastariam da condição de “selvagens”, assim Gayatri Chakravorty Spivak em *Pode o subalterno falar?*, (2014, p. 36) comenta sobre o lugar que o colonizado ocupava na sociedade ao assimilar a cultura do dominante, “a posição ocupada valorizava a experiência concreta do oprimido”.

Para Sousa (1977), as colônias eram o pilar de sustentação da economia da metrópole desde a época da monarquia e isto estendeu-se até o período da república. As colônias forneciam mercadoria a preços baixos e assim equilibravam o déficit econômico de Portugal, pois a metrópole tinha altos lucros com a venda destes produtos.

Os movimentos de revolta no arquipélago remontam aos séculos XIX/XX na evidência de que a convivência entre “negros” e “brancos”, foram os pilares da formação da sociedade crioula e não eram tão pacíficas, pois ocorriam embates entre colonizados e colonizadores, assim segundo Lima (2019) faz esta afirmação (2019, p. 342), “A revolta dos escravos de 1835, na então Vila da Praia, a revolta dos camponeses dos Engenhos, em 1822 e a de Ribeirão Manuel, em 1910, são outros fatos ilustrativos”.

No século XX, segundo Hernandez (2002), a repressão às colônias aumentou, pois os movimentos de libertação se intensificaram gradativamente, visto que os colonizados eram tratados cada vez mais com extrema violência. Os trabalhos forçados e os “contratos de trabalho” eram abusivos e feitos sem nenhum tipo de pudor, além do mais, os salários eram extremamente baixos. Neste sentido, Norrie Macqueen em *A descolonização da África Portuguesa* (1998) descreve o cenário das colônias:

Embora seja praticamente impossível fazer comparações empíricas, pode afirmar-se que as populações indígenas da África Portuguesa, pelo menos até os anos 60, eram as menos favorecidas, em comparação com os outros impérios europeus. (MACQUEEN, 1998, p. 31)

Os portugueses foram denunciados, na década de 1920, à Liga das Nações pela forma como tratavam a população das colônias sob o seu jugo. Vale lembrar que os primeiros movimentos de libertação ocorreram nas décadas de 1920 e 1930 em Angola e em Moçambique. A partir daí, o sentimento de libertação começou a nascer em outras colônias. A fome, a miséria e a vontade de justiça eram as molas propulsoras que moviam as massas que objetivavam a vontade de vencer as calamidades históricas impostas pela metrópole.

Pierre Clastres em *A sociedade contra o Estado*, (1974, p. 220) discorre em relação à brutalidade exercida pelos mandantes aos seus subordinados, “Em razão de seu prestígio e de sua violência (era um tipo violento), ele começou a dirigir sua violência contra as pessoas do grupo do qual era líder”. Segundo Macqueen (1998), a duração do fascismo correspondeu ao período de 1933 a 1974 e foi comandado por António de Oliveira Salazar e a seguir por Marcello Caetano, portanto, considerado o regime opressor mais longo da Europa Ocidental que por 48 anos oprimiu as colônias portuguesas.

António de Oliveira Salazar, uma figura emblemática no que tange ao fascismo, nasceu em 28 de abril de 1889 e faleceu em 27 de julho de 1970 ele dominou o sistema político durante mais de quatro décadas. Foi um homem cruel que mesmo após a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, continuou infringindo os princípios deste documento e permaneceu governando as colônias com extrema brutalidade.

Lisboa, após a Segunda Guerra Mundial, 1939 a 1945, aumentou a vigilância nas colônias e cada vez mais aumentava a violência nos territórios anexados, por esta razão Portugal foi pressionado internacionalmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) em relação à situação das colônias (FERREIRA, 1977). Em virtude disso, em 1951, Salazar substituiu o conceito de «colônia» para «província ultramarina», a fim de driblar a pressão da ONU. De acordo com o artigo 133:

Os territórios da Nação Portuguesa situados fora da Europa constituem Províncias, as quais terão estatutos próprios como regiões autônomas, podendo ser designadas por Estados, de acordo com a tradição nacional, quando o progresso do seu meio social e a complexidade da sua administração justifiquem essa designação honorífica. (FERREIRA, 1977, p. 39).

Artigo 136:

Os órgãos legislativos das Províncias Ultramarinas não expressam o desejo soberano das suas populações; não existe qualquer executivo local que seja responsável perante assembleias legislativas, [...] Não existe qualquer força jurídica nas Províncias Ultramarinas que seja exercida unicamente por cidadãos originários dessas Províncias. (FERREIRA, 1977, p. 40).

Nota-se que Portugal permanecia com plenos poderes e as colônias continuavam sem autonomia e submissas à metrópole. Lisboa procurou amarrar os artigos daquele documento para que a metrópole não perdesse o controle das ilhas e dos demais territórios que estavam sob o seu controle, ou seja, durante a leitura da Constituição de 1951 era perceptível que Salazar permaneceria à frente de todos os territórios anexados. Neste sentido, o artigo 136 deixa claro que Portugal seria soberano no quesito “representação” destas províncias, Ferreira (1977, p. 39): “Representar interna e internacionalmente toda a nação, não podendo as províncias manter relações diplomáticas ou consulares com países estrangeiros;” logo, observa-se que esta foi uma manobra que objetivou burlar as Nações Unidas no que tange a conceder direitos ou abertura ao povo colonizado.

O “Estatuto do Indigenato” - Decreto-lei n.º 39 666, de 20 de Março de 1954 – vigorou por sete anos, sendo extinto em 1961. O seu término foi outra manobra utilizada por Lisboa, a fim de reduzir os movimentos de libertação que, gradativamente, surgiam cada vez mais expressivos em várias colônias. Durante a sua vigência, Portugal procurou assegurar a sua dominação em relação aos povos colonizados, neste “estatuto” a Metrópole deixava nítido que os habitantes dos

territórios que estavam sob o seu domínio eram inferiores e não possuíam os valores e o comportamento dos portugueses. BORGES (2008):

O artigo 2.º do Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique (Decreto-lei n.º 39 666, de 20 de Março de 1954), considerava «indígena», “os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente nelas, não possuam ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses.” (BORGES, 2008, p. 51).

O artigo 4.º Cabia ao Estado português promover “por todos os meios o melhoramento das condições materiais e morais da vida dos indígenas, o desenvolvimento das suas aptidões e faculdades naturais e, de maneira geral, a sua educação pelo ensino e pelo trabalho para a transformação dos usos e costumes primitivos, valorização da sua atividade e integração ativa na comunidade, mediante acesso à cidadania.” (BORGES, 2008, p. 51).

A cidadania portuguesa era incentivada através da aculturação e da assimilação, além do mais, vários entraves dificultavam a condição de cidadão lusitano, pois não bastava saber ler e escrever em português, pois outros quesitos eram solicitados para tal obtenção como, por exemplo, “exercer uma profissão, arte ou ofício que garantisse um rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim”, (BORGES, 2008, p. 52).

O descontentamento com a situação social e econômica das colônias serviu para fomentar ainda mais o desejo de liberdade e isso contribuiu para que houvesse o crescimento de vários movimentos anticoloniais na África Portuguesa. Os países imperialistas eram a favor de que ocorresse a libertação das nações que estavam sob o domínio do regime de Salazar. No entanto, Lisboa persistia em manter o controle das nações africanas e as consequências foram as diversas manifestações a favor da liberdade políticas e econômicas de território negro anexado. (MACQUEEN, 1998).

O PAIGC cada vez mais ganhava visibilidade no cenário turbulento imposto por Salazar. O partido objetivava promover a resistência contra o fascismo na Guiné e em Cabo Verde em conjunto com as demais colônias portuguesas como, por exemplo, UNITA e MPLA da Angola, (MLSTP) em São Tomé, FRELIMO de Moçambique entre outros, logo percebe-se que lutava pela libertação de todos os territórios anexados quando procurou unir as forças de todos os povos oprimidos do continente africano colonizado por Portugal. (RAMOS, 2009).

Segundo Carlos Lopes em *Desafios Contemporâneos da África* (2012), na Guiné-Bissau as lutas, nas cidades, começaram de maneira pacífica em forma de protestos e greves. No entanto, em janeiro de 1963, as batalhas armadas contra o exército lisboeta aconteceram nas matas.

Amílcar Cabral foi um dos principais personagens no cenário de luta em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. O sentimento de revolta, de inconformismo e da inércia no que diz respeito à ação portuguesa no tocante ao tratamento destinado aos territórios anexados impulsionou a sua participação nos levantes anticoloniais contra a Metrópole. A partir deste fato, Amílcar começou a soltar o seu grito de revolta, segundo Mbembe (2018, p. 72), “é um imenso grito cuja função é salvar da degradação absoluta aquilo que já havia sido condenado à insignificância”, assim este grito objetivou alertar a população mundial sobre o que acontecia na África colonizada. O grito se tornou plural e implicitamente reivindicava um lugar livre onde todos teriam dignidade e direito.

A luta de Amílcar Lopes Cabral foi pontuada através da denúncia do sistema colonial a nível internacional. Cabral tinha a consciência de que apenas expor o sistema colonizador seria insuficiente, portanto, aperfeiçoou as estratégias. Neste sentido, promoveu vários movimentos intelectuais, políticos e ações culturais que objetivavam libertar o homem colonizado das malhas de Portugal e da opressão, portanto, dialogando com o pensamento de Mbembe (2018, p. 281), “Essa busca irrefreável e implacável da liberdade exigia, a seu ver, a mobilização de todas reservas de vida”.

Cabral pouco antes de viajar para Lisboa, a fim de cursar Engenharia Agrônoma escreveu o poema “... A minha poesia sou eu” e nele percebe-se que os versos incentivavam o leitor a assumir a mesma responsabilidade que era destinada aos homens, ou seja, lutar pela liberdade. Ivo Carneiro de Sousa em *Suplemento Lusofonias* (2013):

... A minha poesia sou eu

Não te escondas nas grutas do meu ser,
Não fujas à vida.
Quebra as grades invisíveis da minha prisão,
Abre de par em par as portas do meu ser
- e sai...
Sai para a luta (a vida é luta),
Os homens lá fora chamam por ti,
E tu, poesia, és também um homem.

Ama a poesia de todo o mundo,
 -Ama os homens
 Solta os teus poemas para todas as raças,
 Para todas as coisas.
 Confunde o teu corpo com todos os corpos do mundo,
 Confunde-te comigo...

Vai, poesia:
 dá-me os teus braços para que abrace a vida.
 A minha poesia sou eu.
 (CABRAL, 1946 *apud* SOUZA, 2013, p. 7)

O poema já traz a veia poética combativa de Amílcar, pois a poesia convoca a luta ou chama para a ação a todos que estavam subjugados ao colonizador. O verso, “*Quebra as grades invisíveis da minha prisão*” as palavras poderiam atingir um número maior de pessoas e desta forma conscientizar o que acontecia na sociedade colonizada, Benjamin Abdala Junior em *Literatura História e Política*, (1989, p. 23) ressalta que, “Quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo a consciência de que na verdade é a sociedade que se inscreve através dele [...]”, portanto, a escrita retrata não apenas o que o poeta vê, mas o que se passa no dia a dia da colônia, ou seja, ele retratava a realidade na qual estava inserido juntamente com os demais. O pensamento de Abdala Junior (1989) dialoga com o de Octavio Paz em *Signos em rotação* (1976), no que tange à sociedade ser o pilar da poesia:

[...] não há sociedade sem poesia [...]. Às vezes os dois termos aspiram a desvincular-se. Não podem. Uma sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria, sociedade transumana em que todos seria um ou cada um seria um todo autosuficiente. Uma poesia sem sociedade seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a uma perpétua conjunção que se resolve em instantânea discórdia, os dois termos buscam uma conversação mútua. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo; e do poema em vida social, em imagem encarnada (PAZ, 1976, p. 96).

Nota-se que ocorre uma associação entre a sociedade, a poesia e o momento histórico no instante em que texto literário for produzido. Neste sentido, a literatura é um cruzamento de elementos decorrentes do cotidiano no qual o poeta esteja inserido, este pensamento é ratificado por Antonio Candido em *Literatura e sociedade*, (2006, p. 21), “[...] a literatura, como fenômeno da civilização, depende para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”

Cabral já possuía o espírito combativo e poético antes de partir para Lisboa, aliás, sempre foi um grande articulador até mesmo durante o período em que esteve em Portugal para cursar Engenharia Agrônoma entre os anos de 1947 a 1951. Fez parte da Casa dos Estudantes do Império (CEI) a qual recebia estudantes oriundos das colônias que partiam para Portugal, a fim de continuar os estudos. A CEI tornou-se o ambiente da conscientização onde os graduandos participavam de palestras, saraus e debates. No entanto, era vigiada pela PIDE - A Polícia Internacional e de Defesa do Estado foi fundada em 1945 e extinta em 1969 prendia e agia com total truculência contra quem se manifestava desfavorável ao regime político do Estado Novo.

Segundo Inocência Mata em *A Casa dos Estudantes do Império e o lugar da literatura na consciencialização política* (2015), o período de Cabral poderia ser definido como o de maior ativismo cultural e dali saiu as lideranças políticas que estariam à frente dos movimentos em suas respectivas colônias como, por exemplo:

o PAI (depois PAIGC), a UPA, o MPLA e a FRELIMO — e que iriam conduzir as guerras de guerrilha a partir de 1961, a maior parte da quais (à exceção da UPA) integraria em 1958 o projeto coletivo do Movimento Anti-Colonialista (MAC), que congregava nacionalistas de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, antecâmara do que viria a ser a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP), fundada em Abril de 1961 em Rabat, Marrocos, impulsionada por Amílcar Cabral e Aquino de Bragança. (MATA, 2015, p.11).

Portugal se recusava a dialogar sobre os reflexos do regime fascista com os estudantes africanos, por esta razão, em reunião na CEI, eles organizaram inúmeros movimentos que começaram a surgir em várias colônias portuguesas como, por exemplo, em 1954, Holden Roberto criou a UPA/FNLA (União das Populações do Norte de Angola/Frente Nacional de Libertação de Angola); em 1956, Mário de Andrade criou o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e Amílcar Cabral o PAIGC em 1956 (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) e, em 1962, Eduardo Mondlane criou a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Muitos países, fora do continente africano, cooperaram financeiramente com as organizações estudantis que postulavam a libertação dos territórios que estavam sob o domínio do regime fascista. (MACQUEEN, 1998).

Cabral trabalhou em várias funções durante esta época como, por exemplo, foi um dos fundadores e colaborador do boletim informativo e cultural da Casa – A

Revista *Mensagem* teve o seu primeiro número publicado em 1948 e o último em 1965 – era um espaço onde ocorriam intensos debates sobre o colonialismo e sobre o fascismo nas colônias. No final da década de 1940, muitos jovens africanos provenientes das colônias tinham como destino Portugal, pois tinham o propósito de fazer um curso superior. No rol dos alunos que por lá passaram, além de Cabral estavam Alda Espírito Santo, Francisco José Tenreiro, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade entre outros. (MATA, 2015).

Segundo Borges (2008), o Centro de Estudos Africanos (CEA) funcionou por um curto período (1951-1953) e também foi um ponto de encontro para os estudantes oriundos das colônias portuguesas assim como a CEI. Atuou como um centro cultural e, posteriormente, serviu para conscientizar sobre alienação imposta pelos colonizados aos estudantes que lá estavam. Os principais objetivos eram: “primeiro, estudar e conhecer África nas mais diferentes áreas; segundo, redescobrirem-se a si próprios enquanto negros-africanos inseridos num contexto colonial” (BORGES, 2008, p. 60).

O CEA e a CEI foram muito importantes na formação do grupo de intelectuais que a seguir iriam estar à frente dos movimentos independentistas nas colônias portuguesas. Os estudantes que fizeram parte deste centro ficaram conhecidos como a “Geração de 50” e a “Geração da utopia” (ambos apelidos concedidos por Pepetela) (BORGES, 2008). Macqueen (1998, p. 38) afirma que a CEI e o CEO poderiam ser considerados “o berço das chefias africanas”, as lideranças políticas africanas nascidas em Lisboa alcançariam a chefia das colônias após a independência.

A literatura nacionalista começou a se destacar na década de 1950 e muitos escritores publicaram nas edições da Revista *Mensagem* como, por exemplo, os “poemas de António Jacinto, José Craveirinha, Alda Espírito Santos, Agostinho Neto, Tomás Medeiros, os contos de Alves Preto (Tomás Medeiros), Costa Andrade, Henrique Guerra”, MATA (2015, p. 15).

A partir do momento em que Amílcar assumiu a direção da Revista *Mensagem*, começou a mostrar o seu tom crítico em relação ao colonialismo e publicou alguns artigos. Após o término da sua graduação, retornou a Guiné-Bissau em 1952 e cada vez mais se preocupou com a crise hídrica, além disso, escreveu sobre este assunto no livro de autoria do seu pai Juvenal Cabral, *Memórias e*

Reflexões, no qual “defendia uma rápida intervenção por parte do governo português para a resolução deste problema”, (BORGES, 2008, p. 56).

Cabral pensava na situação econômica de Cabo Verde e no total descaso que a população colonizada vivia. Outro aspecto que o deixava indignado era o sentimento de desdém que percebeu por parte dos portugueses em relação à situação de opressão e miséria que a colônias passavam. No artigo de sua autoria chamado “Hoje e Amanhã”, em *Mensagem*, questionou a situação dos colonizados do Arquipélago:

desde que entrei na casa dos vinte, uma ideia teimosa tem ocupado o meu cérebro, chocando-se de encontro a out ras ideias, outras preocupações” e continuava “nós vivemos hoje a era das constantes preocupações (...) filho das preocupações que tanto me afligem (...) os anseios são vontades firmes de colaborar para o progresso de todos, e as esperanças não são pontos de interrogação; são realidades. (CABRAL, 1951 *apud* BORGES, 2008, p. 57).

Quando Cabral observou, na passagem acima, “e as esperanças não são pontos de interrogação; são realidades”, observa-se que as “ruínas-mortas” podem transformar-se em “ruínas-vivas”, ao criarem um presente de resistência e luta contra o grupo dominante, assim, segundo Achille Mbembe em *Sair da grande noite colonial*, (2014, p. 48), “aqueles que ontem estavam de joelhos e curvados perante o peso da opressão possam levantar-se e marchar, é necessário que seja feita justiça”. Logo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária seria possível somente através da conscientização da situação de subalternidade que os colonizados ocupavam.

Estes dois espaços (CEA e a CEI) trabalhavam na clandestinidade e foram produtores de importantes obras nas quais o papel do estudante negro era debatido. A intenção era tentar transpor o estatuto de «inferiorizado» atribuído a todos os colonizados. Cabral e seus amigos incumbiram-se de contestar a subalternidade imposta a todo continente africano colonizado. A estratégia utilizada deu-se pelo fato dos dirigentes dos partidos investirem na alfabetização, pois grande dos colonizados não sabiam ler e escrever, visto que não tiveram acesso às escolas. Após serem alfabetizados, começaram a ter acesso às informações em relação aos fatos que eram distribuídos aos colonizados, através das poesias de combate e informes em relação aos movimentos de libertação. Percebe-se que Amílcar e os futuros líderes da resistência africana deram origem à formação de uma corrente anticolonialista e

revolucionária que iria mudar o rumo da história do colonialismo português, aliás, através deles vários líderes das futuras nações surgiram e foram à luta para derrubar o fascismo de Salazar.

As lutas ocasionaram muitas mortes e estima-se que noventa por cento da população masculina de Portugal foi convocada para a Guerra do Ultramar. Segundo Macqueen (1998), Portugal era considerado uma das nações mais pobres da Europa, pois o conflito de 13 anos de lutas, para não perder o domínio das colônias, devastou consideravelmente a economia e a imagem da Metrópole perante os demais continentes.

2 AS POESIAS DE AMÍLCAR CABRAL

eu jurei a mim mesmo, nunca ninguém me mobilizou,
trabalhar para o meu povo, eu jurei a mim mesmo,
que tenho que dar a minha vida, toda a minha
energia, toda a minha coragem, toda a capacidade
que posso ter como homem, até ao dia em que
morrer, ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo
Verde.

Amílcar Cabral

2.1 O impacto da chegada da imprensa

A gênese das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, no século XIX, testemunhou a violência imposta por Portugal desde o período das expansões marítimas ultramarinas no século XV. Segundo Lima (2019) a produção literária buscou deslocar para a escrita toda a opressão ocorrida na África portuguesa desde a época do “descobrimento” pelos lusitanos, até o advento da República no século XX.

Precisar o início da literatura do arquipélago, segundo Oswaldo Osório em *Uma Literatura Nascente: a poesia anterior à Claridade* (1998), seria uma tarefa muito difícil, pois há poucos registros em relação a este fato, visto que a imprensa foi introduzida nas ilhas somente em 1842. O avanço da implantação da imprensa em Cabo Verde foi vagaroso, pois a sua localização geográfica e a falta de profissionais para trabalhar dificultava a implantação de um sistema de informação consistente e imparcial. Ressaltando que Portugal comandava a colônia com total prepotência e as publicações eram analisadas antes de ocorrer a impressão, uma vez que não poderia “ferir” os interesses do Governador da colônia.

A literatura do arquipélago, inicialmente, seguia os moldes de Portugal, ou seja, não se preocupava em retratar as necessidades ou as realidades do cidadão cabo-verdiano. Manuel Veiga em *Cabo Verde: insularidade e literatura* (1998, p. 111) reitera os padrões da escrita dos poetas no início do século XIX: “Esta poesia é no seu conjunto epígona da que se faz em Portugal, tematicamente exógena,

academizante porque imitava na forma, no metro e o conteúdo [...]”. Nota-se que a literatura ainda não possuía uma identidade própria.

No século XV, através das missões jesuíticas com a intenção de catequizar os indígenas – os escravizados eram levados para a ilha com a intenção de que aprendessem a língua dos portugueses. Elias Alfama Moniz em “Percalços do ensino colonial em Cabo Verde: século XVI aos anos 40 do século XX” (2007) afirma que a escola foi levada para as ilhas com o propósito de que os escravos obtivessem um mínimo de civilidade (2007, p. 5): “Entre o século XVI e meados do XIX, o papel da educação esteve limitado apenas à cristianização e ao ensinamento de alguns rudimentos da língua portuguesa aos escravos, para que se entendessem com os futuros donos”.

As primeiras escolas foram inauguradas em 1533, século XVI, “destinadas a formar párocos [...] e a partir deste período, começaram a surgir os primeiros espaços reservados ao ensino, todos eles de cariz religioso” (MONIZ, 2007, p. 5). Nota-se que o ensino em Cabo Verde objetivava a manutenção do território ocupado, além de servir para reafirmar a dominação da Coroa, uma vez que era imposto o ensino do latim.

A finalização da escravidão trouxe a necessidade de progresso ao Arquipélago, portanto, o sistema de ensino precisou ser aberto a todos para que atendesse a esta nova realidade, visto que os colonizados precisavam ser educados para que pudessem ser aproveitados de acordo com o interesse da Coroa. Em 1817 foi inaugurada a primeira escola primária na Praia e “[foi] elevada à categoria de escola principal em agosto de 1845” (MONIZ, 2007, p. 6). Em 1860, os estabelecimentos de ensino passaram a ministrar as seguintes disciplinas: “Latim, Filosofia Racional e Moral, Teologia, Francês, Inglês, Desenho, Matemática”. (MONIZ, 2007, p. 6).

Em 1866 foi inaugurado o Seminário de São Nicolau a matriz curricular era a mesma das escolas da Metrópole. Em 1910 ocorreu a separação da igreja com o Estado e no final do século XIX, Cabo Verde contava com setenta e três escolas. No entanto, o grande entrave para que o ensino chegasse com qualidade para todos era a falta de docentes capacitados, de assiduidade dos alunos e a distância das escolas. Em 1917, Cabo Verde contava com 114 escolas e 161 docentes. (MONIZ, 2007).

Segundo Brito Aranha em “Subsídios para a história do jornalismo nas Províncias Ultramarinas Portuguesas” (1985), os primeiros textos impressos começaram a surgir a partir de 1842 com a fundação do “Boletim Oficial do Governo-geral de Cabo Verde”, que tinha a função de publicar os primeiros periódicos da Colônia. No entanto, era supervisionado pelo governo português uma vez que advogava em prol dos interesses comerciais e industriais da Metrópole. O Boletim difundia assuntos oficiais e atuava como um jornal com notícias nacionais e estrangeiras, além de veicular produções literárias de autores cabo-verdianos.

Em 1842 houve o crescimento de jornais e revistas em Cabo Verde e, conseqüentemente, alguns autores começaram a publicar seus textos, pois até então predominava a literatura oral que era transmitida de geração a geração. A cronologia da gênese da imprensa no arquipélago no século XIX seguiu a seguinte ordem:

1. Boletim Oficial do Governo Geral de Cabo Verde. Praia, 1842;
2. Independente. Político. Praia, 1877;
3. Correio de Cabo Verde. Político e noticioso. Praia, 1879;
4. Echo de Cabo Verde. Político e noticioso. Praia, 1880;
5. Imprensa. Comercial, industrial e noticioso. Praia, 880;
6. O Protesto. Político. Praia, 1883. (ARANHA, 1885, p. 25).

A chegada da imprensa e a abertura de escolas começaram a movimentar a vida cultural da colônia, desta forma, havia grande possibilidade de nascer uma sociedade letrada. Sob esta ótica, é possível estabelecer um diálogo com o pensamento de Yves Reuter em *Introdução da Análise do Romance* (2010):

O desenvolvimento da alfabetização (século XV ao XIX) será uma grande chance para os escritores. A imprensa acompanhará este movimento favorecendo os progressos técnicos, facilitando edições baratas, criando carreiras de apoio e servindo de plataformas de lançamento através de folhetins. (REUTER, 2010, p. 7).

Neste sentido, a entrada da imprensa e a abertura de estabelecimentos de ensino nas ilhas trouxeram uma nova perspectiva ao arquipélago no que tange à literatura, pois muitos escritores começaram a publicar livros e periódicos. Logo, foi aberta uma probabilidade para uma nova identidade literária, cultural e política.

Muitos pesquisadores acreditam que o romance oitocentista *O escravo* de José Evaristo de Almeida de 1856 seja o marco inicial da literatura cabo-verdiana. A história relata as injustiças do colonialismo e o texto procura enaltecer a identidade

do arquipélago. O enredo retrata o sofrimento e os anseios de uma sociedade em mudança, através de uma intriga em torno do amor impossível entre um escravizado e a sua senhora mestiça, assim, segundo VEIGA (1998):

A primeira manifestação literária que abarca as categorias narrativas, em que divisam os primeiros sinais de uma literatura nacional cabo-verdiana, é um designado romance da autoria de um reinol cuja longa permanência nestas linhas e integração no meio social, minoria embora, comprova que a <<noção de pertença>> pode ser independente [...]. Refiro-me à narrativa O Escravo, da autoria de José Evaristo de Almeida e que viu a luz da publicidade em 1856. (VEIGA, 1998, p. 117)

A obra narra o cotidiano do cabo-verdiano e o contexto histórico serve como pano de fundo. O autor denuncia o tratamento brutal destinado aos colonizados. O romance foi escrito durante o período da escravatura - iniciada em 1836 e finalizada em 1876. Neste sentido Reuter (2010) discorre sobre o uso do mimetismo em romances que pretende retratar a realidade:

Em primeiro lugar, impõe a *vontade mimética*, o cuidado em “tornar verdadeiro”, mostrar o mundo tal qual ele é, sem embelezá-lo e sem passar pelo filtro *topoi*. [...] deve “objetivar” o real e não se deixar mais levar pelas divagações da subjetividade. O “verdadeiro” substitui o pitoresco, com uma atenção aos “detalhes” que autenticam e um desejo de exaustão. (REUTER, 2010, p. 28).

De acordo com Hélder Garmes, “O pioneirismo político e literário da Revista de Cabo Verde” (2006) a partir de 1899 a *Revista de Cabo Verde* começou a retratar os problemas das ilhas e, além disso, de forma implícita havia algumas críticas à Metrópole. Os conteúdos versavam entre notícias que interessavam ao arquipélago e literatura, aliás, ela objetivava, “fazer pressão junto à administração colonial portuguesa no sentido de melhorar as condições da colônia”, (GARMES, 2006, p. 16). Neste sentido, observa-se que as literaturas já começavam a servir como um instrumento de cobrança por melhorias nas ilhas que já passavam por muitas dificuldades alimentares e hídricas.

2.2 Os reflexos do Modernismo no Arquipélago

No início do século XX, a ação de *finçar os pés no chão* começou ganhar mais visibilidade na sociedade do arquipélago. O período *Hesperitano* fazia uma clara alusão à Atlântida, continente submerso na região do Oceano Atlântico, e vinculado às origens do arquipélago. Segundo Manuel Ferreira em *O discurso no percurso africano I* (1989) Atlântida foi uma ilha que remetia à utopia de uma civilização com alto grau cultural, mas foi submersa em um único dia devido à decadência que a assolou causando, assim, a revolta dos deuses. Neste sentido, os dois autores comparam o arquipélago aos destroços desta ilha lendária:

Minha Terra!

Tal foi a Atlântida...
 Hoje o seu mistério
 Sonho eterno do sabido e do romântico
 Dorme no fundo do profundo atlântico
 Das vastas extensões assim submersas

Então ficaram essas nossas ilhas
 E as outras suas cé
 lebres irmãs,
 [...]
 Chamadas, pois, ilhas Hesperitanas

Já, pois, vistas, irmãos cabo-verdianos
 Que as nossas lindas e queridas ilhas
 Contam a história dos remotos anos
 Da Atlântida, da qual elas são filhas.

Nós pisamos, nos filhos habitantes
 Talvez a mesma terra que os Atlantes, da qual são filhas
 [...]
 É esta, pois, irmãos cabo-verdianos!
 A história original da nossa terra
 Que esse segredo do passado encerra.
 (LOPES, 1928, *apud* VEIGA, 1998, p. 18)

Pedro Cardoso de maneira lírica celebra o universo atlântico:

Hespéridas

Referem lendas antigas
 Que lá nos confins do mar
 As Hespérites ficavam
 E o seu famoso pomar.
 Paraíso de Ventura
 Que de encantos lá havia!

Era a terra mais danosa
Que a roda do sol cobria
(CARDOSO, 1930, *apud* FERREIRA, 1989, p. 193)

Na literatura cabo-verdiana foi criado o mito hesperitano que objetivava completar as lacunas e dar sentido à história do Arquipélago com a intenção de deslocar o sentimento de pátria para as ilhas e não para Portugal, ou seja, segundo Ferreira (1989) desejou lutar contra a alienação patriótica. Por este ângulo, o mito hesperitano estava associado à busca da identidade de Cabo Verde e este fato será mais difundido pela geração claridosa. Norma Goldstein em *Versos, sons e ritmos*, (2006, p. 13) confirma este pensamento: “É preciso estabelecer relação entre diversos aspectos do texto para tentar interpretá-lo e, ainda, buscar elos entre textos e contextos. Essa relação é fundamental para a compreensão de sentidos”.

Ferreira (1989) aponta os poetas Pedro Cardoso e José Lopes como precursores da poesia cabo-verdiana os seus escritos eram voltados para os interesses dos filhos das ilhas. No entanto, os dois intelectuais ainda se mostravam divididos entre a nova vertente da literatura e os antigos moldes da literatura lusitana. Segundo Ferreira (1989), o cabo-verdiano no final do século XIX e início do século XX era um ser bipartido no que tange a identificação do conceito de pátria-mãe:

De um lado, a cultura e a ideologia colonial, implacavelmente exercendo a sua ação deformadora e alienante; doutro, a seiva materna e as forças criadoras primordiais. Daí o pensamento e as suas ações condicionadas por estas representações e, conseqüentemente, o balanceio inconsciente entre duas pátrias. (FERREIRA, 1989, p. 189).

Norma Sueli Rosa Lima em “Claridade revista (2000-2013)” (2021) observa que a fundação da revista *Claridade* foi considerada o maior acontecimento do panorama literário cabo-verdiano. Foi a verdadeira tomada de posição no processo de visualização de si e de seu próprio espaço, tarefa fundamental para que a autonomia literária, de fato, acontecesse. Alguns eventos internacionais contribuíram para que houvesse a mudança de perspectiva na literatura do arquipélago como, por exemplo, o Modernismo no Brasil.

Segundo Rita de Cássia Martins Oliveira em “Breve Panorama do Modernismo no Brasil – Revisitando Mário e Oswald de Andrade” (2012) a Semana de Arte Moderna de 1922 objetivou mudar a direção da cultura no Brasil. Este fato

ocorreu justamente quando o país completava 100 anos de independência e os intelectuais daquele momento ansiavam por uma renovação estética. O Modernismo teve a função de romper com os costumes que a sociedade ainda trazia desde a época do Brasil colônia e, desta forma, houve mudanças significativas tanto na literatura como na arte e na música.

Em linhas gerais, os modernistas propunham a reconstrução da cultura brasileira através da valorização de elementos nacionais partindo de uma revisão crítica do passado nacional, eliminando os recalques da colonização. (OLIVEIRA, 2012, p. 84)

Os idealizadores da Semana de 22 admitiam a importância do passado cultural do país, mas havia a necessidade de adequar-se à nova realidade brasileira, visto que o país vivenciava o período da industrialização, o crescimento demográfico em São Paulo, a urbanização e a imigração com a formação de várias colônias estrangeiras nas grandes metrópoles brasileiras. Neste sentido, o universo literário começou a focar nos temas voltados para o cotidiano brasileiro, logo, as produções poéticas, principalmente, deixaram de possuir uma escrita menos rebuscada e a linguagem coloquial foi o ponto alto das novas produções, além do uso de versos livres.

Nota-se que a partir deste movimento houve a reconfiguração da linguagem que assumiu um formato mais artístico e a cultura passou a valorizar as questões pertinentes a sociedade brasileira. Assim sendo os elementos que faziam parte da formação da brasilidade foram enaltecidos como, por exemplo, o indígena ganhou papel de destaque. Alguns romances começaram a refletir os novos tempos na literatura tal como em *Macunaíma* publicado em 1928 de Mário de Andrade que convida os leitores a refletirem sobre a busca de uma identidade nacional.

A Semana de 22 marcou o início do sentimento de nacionalismo no Brasil, segundo Mário de Andrade em *Aspectos da Literatura Brasileira* (1974, p. 235) “O Modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono dos princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era inteligência nacional”. Neste sentido, no que tange a antropofagia (devorar o recebido, selecionar o que interessa que se refere ao Movimento Antropófago de Oswald de Andrade, 1928) os caboverdianos adaptaram-na as suas necessidades, visto que ambos foram colonizados pelos portugueses e viviam contextos próximos como, por exemplo, opressão,

imposição de assimilação da cultura dos colonizadores, etc. O Brasil e a colônia cabo-verdiana buscavam a libertação da cultura do colonizador, assim, Lima (2014) discute como ocorreu a apropriação da cultura de outrem:

a antropofagia de Oswald de Andrade é metafórica, indicativa de a edificação da cultura brasileira ter-se construído através de um processo violento: barbárie nativa que se apropria dos elementos selecionados da cultura alheia. Tal ato reveste-se de violência porque não é mediado por nenhum aparato cultural anterior, mas apropriado e incorporado de maneira que se deixou mesclar, sob a égide de uma suposta cultura nacional. (LIMA, 2014, p. 5).

Ainda segundo LIMA (2014):

A batalha claridosa foi mais cultural do que política, centrando-se na luta pela legítima expressão crioula, desse modo é que Baltasar Lopes rebateu julgamentos e chamou a atenção para a subversão que havia, em plena era da censura, na simbiose linguística do português com o crioulo, realizada pelos integrantes da Revista. Esta era uma proposta de linguagem cabo-verdiana, e não simplesmente o enxerto de algumas palavras do crioulo no português, na ocasião em que se plantava a independência cultural na reconstituição da linguagem popular. (LIMA, 2014, p. 3)

Ferreira (1989), ratifica o pensamento em relação à importância da *Claridade* para o cenário literário:

Com ela se dá um corte abissal, que objetivamente delimita um antes e depois. Ou seja, que na totalidade da literatura cabo-verdiana se projetam dois grandes períodos: o que antecede a *Claridade* e o que a sucede. E ninguém contesta que anteriormente à *Claridade* o discurso literário cabo-verdiano era quase exclusivamente subsidiário do discurso do português. (FERREIRA, 1989, p. 150-151).

O primeiro número da revista *Claridade* foi publicado em março de 1936 tendo sido fundada por Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, na cidade de Mindelo. A direção ficou a cargo de Manuel Lopes e o intrigante em relação ao nome foi a primeira opção: *Atlante*, pois é uma insinuação direta a Atlântida que era vinculado às origens do arquipélago, uma vez que objetivava afastar-se das origens portuguesas e criar um novo pilar para a formação da identidade do arquipélago. *Claridade* remete a algo claro e que possui uma luz forte e própria, ou seja, seria algo único que iluminaria a formação tipicamente cabo-verdiana da cultura e da identidade sem nenhum tipo de dualidade com o colonizador, embora haja outras versões para a inspiração do título.

Os intelectuais cabo-verdianos se inspiraram nos escritores brasileiros para criarem uma identidade própria no que tange à literatura. Neste sentido, procuravam um novo direcionamento no que diz respeito à cultura e que atendesse as especificidades das ilhas, assim, utilizaram o ritual antropofágico (é uma metáfora sobre o canibalismo no qual seria “aproveitado” somente o que fosse conveniente) a ideia seria separar o mundo ‘colonizado’ do ‘colonizador’, pelo menos culturalmente. Assim as vozes dos autores brasileiros passaram a fazer parte das produções literárias do Arquipélago como, por exemplo, José Lins do Rego, Amado Fontes, Manuel Bandeira entre outros que após o Modernismo de 1922 começaram a externar os fatos da sociedade nos textos literários. (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Gomes (2008), a formação da brasilidade despertou o interesse da nação-irmã (ainda colônia). Oswald de Andrade transferiu para o Brasil o centro das atenções e impôs uma nova da literatura nacional e, assim, nasceu a consciência da necessidade da sociedade em plena industrialização e a situação fome/ aridez do nordeste.

Neste sentido, percebe-se que o Brasil foi a fonte inspiradora em relação à mudança de vertente da literatura do arquipélago, pois a Semana de Arte Moderna de 22 – O Modernismo – foi, "A interlocução com a literatura brasileira foi uma estratégia criativa que permitiu forjar uma ideia de futuro com uma distância de necessária dos valores metropolitanos", (GOMES, 2008, p. 114).

Os poemas contidos na revista continham um tom de denúncia, a poesia raiz mostrava claramente o que acontecia no Arquipélago. JORGE BARBOSA na Revista *Claridade*, nº 1, 1936:

- Ai o drama da chuva,
Ai o desalento,
o tormento
da estiagem!
- Ai a voragem
da fome
levando vidas!
(...tristezas das sementeiras perdidas...)
(BARBOSA, 1935, *apud* LOPES, 1936, p. 88)

No poema, percebe-se o abandono da colônia pelos colonizadores. O contexto do arquipélago é demonstrado em alguns sintagmas como, por exemplo: o drama, desalento, tormento, fome e tristeza. No verso, “levando vidas!” o verbo está conjugado no gerúndio e indica uma ação contínua, ou seja, mostra o

desenvolvimento de uma ação em andamento ou duradoura. Esta ação duradoura remete ao início da colonização e perdurou até a independência em 1975. Barbosa trouxesse para a sua escrita a sua insatisfação em relação à seca que era um fato recorrente nas ilhas e em virtude deste fato ocorria a crise alimentar.

A nova fase da literatura dialoga com o pensamento de Alfredo Bosi em *Leitura de Poesia*, (1996, p.53), no qual afirma, “O que estranhamos é tomar contato, pela primeira vez, com versos que não foram escritos “para leitura de olhos mudos”, mas para serem cantados, urrados e chorados”. Neste sentido, Bosi (1996) tem o seu pensamento ratificado por Otávio Paz em *Os Filhos do Barro*, (1974, p. 20) “O novo nos seduz não pela novidade, mas sim por ser diferente; e o diferente é a negação, a faca que divide o tempo em dois”.

As estrofes ganharam uma perspectiva mais social e passaram a “noticiar” a situação de calamidade nas ilhas. O verso “Ai o drama da chuva” relaciona-se com os meses sem chuvas, pois, na década de 1930, Cabo Verde passava por longos períodos de seca que ocasionaram a morte de milhares de moradores. O solo era seco devido à falta de chuvas e, desta forma, não era possível investir em agricultura. Portugal menosprezou o sofrimento dos cabo-verdianos e não promoveu ações humanitárias para minimizar a provação pela qual passavam.

Os cabo-verdianos não eram mais escravizados, mas ainda assim passavam por maus tratos. O poema “Irmão”, de Jorge Barbosa, publicado na Revista *Claridade*, 1936, mostra a condição de periférico que é destinado aos colonizados das ilhas.

Irmão

[...]

Em terra
nestas pobres Ilhas nossas
és o homem da enxada
abrindo levadas à água das ribeiras férteis,
cavando a terra seca
nas regiões ingratas onde às vezes a chuva mal chega
onde às vezes a estiagem é uma aflição
e um cenário trágico de fome!

[...]

O teu destino...
O teu destino
Sei lá!
Viver sempre vergado sobre a terra
A nossa terra

Pobre
Ingrata
Querida!

[...]
Ser levado talvez um dia
na onda alta de alguma estiagem!
como um desses barquinhos nossos
que andam pelas Ilhas
e o Oceano acaba também por levar um dia!

Ou outro fim qualquer humilde
anônimo...
Ó Cabo-Verdiano humilde
anônimo
— meu irmão!
(BARBOSA, 1935, *apud* LOPES, 1936, p. 89)

O nome do poema “Irmão” faz referência ao cabo-verdiano, pois o eu lírico demonstra viver na total melancolia devido às condições as quais são expostos os cidadãos colonizados. O verso “Nestas pobres Ilhas nossas” conjectura que o lugar não havia perspectivas de melhoras e era mísero em relação aos recursos básicos para sobrevivência.

No verso “És o homem da enxada”, pressupõe-se que a força do homem negro era a principal engrenagem que movia a economia da Metrópole, assim Mbembe (2018, p. 89), ratifica, “o grosso da força de trabalho na colônia passou a ser, a partir de então, composto por escravos.

Nos versos “O teu destino/ Viver sempre vergado sobre a terra/ A nossa terra/ Pobre” o eu-lírico encontra-se sem perspectiva de um mundo melhor ou sem esperança de que algo mude, visto que a condição de opressão durava cinco séculos e não havia possibilidade de mudança. Barbosa construiu o poema com fatos que vivenciou ou que fizeram parte da história do arquipélago, neste sentido dialoga com o pensamento de Abdala Junior (1989, p. 47), “na práxis poética o poema cresce e se alimenta dos fatos referenciais, deixando perplexo o próprio poeta-instrumento”.

Nos versos “Ser levado talvez um/ na onda alta de alguma estiagem!/ como um desses barquinhos nossos/ que andam pelas Ilhas/ e o Oceano acaba também por levar um dia!”, o autor usa o mar como o meio de fuga para um lugar melhor e com mais oportunidade, ou seja, os cabo-verdianos são convidados a saírem da condição de prisioneiros através do mar.

O Modernismo colaborou para que a literatura cabo-verdiana tivesse maior representatividade, no tocante à reconfiguração da cultura local autônoma. A partir da Semana da Arte Moderna de 1922, Brasil e Cabo Verde estreitaram o diálogo literário. Esta afirmação poderá ser verificada nos poemas “Vou-me embora pra Pasárgada” de Manuel Bandeira e “Passaporte Para Pasárgada” de Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltasar Lopes). Pasárgada torna-se um lugar utópico em diferentes contextos sendo interpretada como um símbolo de liberdade. Os dois poetas criaram a expectativa de uma nova realidade objetivando realizar uma ruptura do contexto atual que estava permeado dificuldades, neste sentido ambos dialogam com o pensamento de Teixeira Coelho, em *O que é utopia?*:

Essa força poderia chamar-se esperança; esperança de que aquilo que não é, não existe, pode vir a ser; uma espera, no sonho, de que algo se mova para à frente, para o futuro, tornando realidade aquilo que precisa acontecer, aquilo que tem de passar a existir. (COELHO, 1981, p.7).

O poema “Vou-me embora pra Pasárgada” de Manuel Bandeira foi publicado em *Libertinagem* (1930) é um canto de evasão da realidade maçante que tortura o eu-lírico (que deseja profundamente partir para um lugar fantasioso e idealizado, chamado Pasárgada, que passou a ser um mito. É possível identificar o diálogo entre Brasil x Cabo Verde na escrita de Osvaldo Alcântara, no poema “Passaporte para Pasárgada” (1946):

Passaporte para Pasárgada

Pasárgada não é lugar comum.
Lá quem manda é o Rei,
que é amigo dos horizontes
e ouve as cantigas que os meninos cantam
na Rua Direita e na Rua do Sol.

Quem tem ouvidos e oiça, que vá.
Os surdos não entram em Pasárgada.
Os surdos, entrego-os na misericórdia de Cristo,
que os há-de aperfeiçoar para a próxima reencarnação.
Nesta não entram em Pasárgada.

Já propus ao Rei que não concedesse o visto
a quem não foi à pedreira
arrancar uma pedra para Pasárgada.

Os surdos não entram em Pasárgada.
Oh! Rei! Pela tua magnificência,
concede mãos aos homens
para poderem ser cidadãos de Pasárgada.

Dá-lhes o martelo e a marreta das catedrais,
Para que a Poesia nasça das suas mãos!
(ALCÂNTARA, 1991, p. 115)

No poema “Passaporte para Pasárgada”, o eu-lírico tem a aspiração de fugir para outro lugar e sair do cenário hostil no qual está, além disso, deseja livrar-se das decepções. Segundo Celso Antonio Favero em *Distopias e Utopias Entre os Escombros do Nosso Tempo*, (2020, p 289), “As utopias são fenômenos históricos que nascem da indignação de grupos sociais em situações ultrajantes”, diante do contexto do regime opressor de Salazar o eu lírico preferia abandonar a colônia e partir em busca de um lugar idealizado onde seus direitos seriam respeitados e teriam dignidade.

Segundo Norma Sueli Rosa Lima no artigo “Clareza Revista: os reis Dom Sebastião e Momo em Cabo Verde” (2014) nos versos “Pasárgada não é lugar comum/ Lá quem manda é o Rei,/ que é amigo dos horizontes/ e ouve as cantigas que os meninos cantam/ na Rua Direita e na Rua do Sol”, constata-se que houve a idealização de um Rei que era totalmente diferente do governante português, além disso, o tratamento aos seus súditos era humano. O poema em sua leitura macro é uma grande metáfora, pois fica subtendida a comparação de um lugar idealizado – utópico – com a Metrópole – tirânica.

Oswaldo Alcântara escreveu o poema em 1946 durante o domínio colonial português. Os versos de “Passaporte para Pasárgada” remetem ao país idealizado pelo eu-poético no qual nota-se o sonho utópico de um país mais justo, visto que Cabo Verde vivia o ápice do regime ditatorial de Salazar. O poema foi escrito em decorrência do contexto vivido pelos cabo-verdianos, segundo Lima (2014, p. 5): “No contexto em que foi produzido, nos anos de 1940, é estranho que Pasárgada não tenha sido interpretada como denúncia a um “lugar ruim” (que não o eram as ilhas e sim a situação delas em termos de vigiadas pela ditadura fascista de Salazar), mas apenas enquanto fuga”.

As metáforas eram recursos muito utilizados pelos poetas cabo-verdianos, assim segundo o pensamento de Paz (1974, p. 98), “O mundo é a metáfora de uma metáfora. O mundo perde sua realidade e se transforma em uma figura de linguagem”. Lembrando que todas as publicações eram verificadas por agentes do governo e o que não atendesse ou fosse contra ao regime de Salazar tinha a

publicação vetada, por este motivo os poetas utilizavam este tipo de procedimento como forma de driblar a censura. (FERREIRA, 1989).

Nos versos, “Os surdos não entram em Pasárgada./ Oh! Rei! Pela tua magnificência,/ concede mãos aos homens/ para poderem ser cidadãos de Pasárgada/”, novamente ocorre uma clara alusão a Portugal e ao governo de Salazar. Os surdos se referem às pessoas que não ouviam ou não liam as poesias dentro daquele contexto, pois já começavam a denunciar e mostrar insatisfação dos desmandos da Metrópole. Após ler esta estrofe, percebe-se mais uma vez a presença da poesia metafórica que segundo Bosi (1996, p. 66) deve ser entendida, “como uma espécie de poesia na qual a mensagem está intimamente ligada ao emitente”, portanto, de acordo com este pensamento, os versos seriam direcionados para colonizador.

Outro ponto que deve ser observado refere-se ao nome do poema “Passaporte para Pasárgada”, pois como seria possível solicitar o “Passaporte” para entrar em um lugar fictício?

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro

De impedir a concepção
 Tem telefone automático
 Tem alcaloide à vontade
 Tem prostitutas bonitas
 Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —
 Terei a mulher que eu quero
 Na cama que escolherei
 Vou-me embora pra Pasárgada.
 (BANDEIRA, 1998, p. 143-144)

O diálogo que ocorre entre o Modernismo Brasileiro e a Literatura Cabo-verdiana, por meio da escrita poética de Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara, é resultado dos constantes diálogos que elas mantêm entre si. Lima (2014) reafirma a correspondência entre as duas literaturas de continentes diferentes, mas unidas pelo mesmo colonizador:

A partir da inicial relação mítica estabelecida entre Cabo Verde e Brasil (de Hespérides a Pasárgada) e da circularidade das obras modernistas no Arquipélago, o exame da produção poética dos claridosos (e gerações subsequentes) em diálogo com alguns modernistas brasileiros (citados direta ou indiretamente nos textos e/ou nos depoimentos dos autores caboverdianos) conduz a explicitar a maneira pela qual se processou esse diálogo no sentido da antropofagia de Oswald de Andrade, postulada no Manifesto Antropófago. (LIMA, 2014, p. 7).

O “Passaporte para Pasárgada” dialoga com o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, pois ambos ambicionam a evasão para um lugar distante e melhor. O eu lírico deseja partir do lugar em que está, isto é, fugir das decepções da realidade opressora, assim “Pasárgada” é a metonímia de liberdade, ou melhor, é um lugar de sonhos onde não há barreira que impeça a realização dos objetivos algo que estava distante no momento da escrita poética. Benjamin Abdala Júnior em *De voos e ilhas: literatura e comunitarismos*, 2008, reforça como seria a utopia em “Pasárgada”:

É o sonho de quem procura novos horizontes, um princípio de juventude – diremos, como em Ícaro, que revela a potencialidade subjetiva dos indivíduos. É olhando para a frente, sonhando com o futuro (o projeto intermediando o presente e o futuro), que se torna possível concretizar objetivos. (ABDALA JUNIOR, 2008, p. 18).

Segundo o site da Secretaria da Educação do Paraná, 2020, Pasárgada, de fato, existiu e ela foi uma “cidade persa conhecida como a capital do Primeiro Império e atualmente é um sítio arqueológico na província de Fars”. O imperador Ciro II mandou construir a povoação. Nos versos, /Aqui eu não sou feliz/ Lá a existência é uma aventura/ De tal modo inconsequente/, nesta passagem percebe-se que há um desânimo em relação à vida do lugar onde está e espera viver em lugar muito melhor, ou seja, fugir da atual realidade na qual o eu lírico está. Desta forma, Abdala Junior (1989) discute sobre a partida para uma terra delineada como perfeita:

a ação poética debruça-se num processo de escrita em que a alienação presente interage com a imagem da utopia – em limites mais estreitos, como os do poema; como os dos mitos; ou mais políticos; como os da vida social. Há, não obstante, em cada estratégia do discurso poético, uma visão de plenitude a ser conquistada na escrita pela práxis do sujeito da enunciação. E será o caráter ideológico da apropriação que marcará com uma ênfase numa perspectiva poética, social ou mítica. (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 51)

Durante a leitura, percebe-se que o assunto principal do poema é a evasão, diferente da realidade do autor que vive em uma colônia, ou seja, é um escape para o paraíso onde tudo é possível. Manuel Bandeira escreveu o poema “Vou-me embora pra Pasárgada” em 1930 teve como motivação a sua doença – tuberculose. Os versos anunciam o desejo de fuga para outro lugar em outras palavras para outra realidade. O desejo de ir embora para Pasárgada ocorre devido às limitações que Bandeira tem devido a sua enfermidade. Ele sonha em poder viver a vida na sua essência resgatar o melhor momento da vida, desvencilhar-se das normas, limites, dificuldades e opressões que mantém o homem vivo. Teixeira Coelho (1981) aponta que a literatura tem uma conexão estreita com a arte e a utopia.

A Literatura exprimia os “gritos” da sociedade oprimida, assim, segundo Jean-Paul Sartre em *O que é literatura?* (1948, p. 11) “um grito de dor é sinal da dor que o provoca”. Por este ponto ângulo, o nacionalismo ganhava mais força e os textos literários refletiam cada vez mais a insatisfação da sociedade colonizada.

A abertura de novas escolas contribuiu para o aumento do número do público leitor e, desta forma, as obras literárias dos fundadores e dos demais escritores começaram a circular timidamente nas ilhas.

Chiquinho é um romance de Baltasar Lopes que era escritor, poeta e linguista, sendo considerado um dos maiores nomes da literatura do arquipélago. A narrativa é apontada como a primeira obra tipicamente cabo-verdiana. É um livro que delata a situação da miséria, do abandono, da seca prolongada, dos animais e da própria vida das pessoas que viviam nas ilhas. A obra foi publicada em capítulos na revista *Claridade* a partir de 1936. (FERREIRA, 1989).

2.3 Amílcar Cabral e sua poesia

Amílcar Lopes da Costa Cabral era filho de cabo-verdianos – do professor primário Juvenal Cabral e da microempresária Iva Pinhel Évora - nasceu em Bafatá em 12 de setembro de 1924. Foi um político à frente do seu tempo, pois atuou em vários setores como, por exemplo, foi: engenheiro agrônomo e atuou na Guiné-Bissau e em Cabo Verde; escreveu vários livros teóricos sobre política; poeta; professor e hábil diplomata. (LOPES, 2012).

Juvenal Cabral foi um homem com grande consciência política e social sobre a situação das ilhas que criticava fortemente a política colonial da metrópole, aliás ele julgava deficitária a maneira como Portugal conduzia as crises agrícolas, os longos períodos de seca, a fome e a miséria dos colonizados cabo-verdianos e guineenses. Manuel Veiga em *Letras que Imortalizam*, (2020, p. 191) comenta sobre a influência do pai na formação moral e diplomática do seu filho: “É o pai que desempenhará um papel preponderante na formação de Amílcar”.

A predisposição de Juvenal para a diplomacia e a escrita como, por exemplo: artigos; cartas ao governo; peças teatrais e poesia contribuíram para a formação política de Amílcar. Desta forma, segundo afirma Borges (2008), a veia poética começou a despontar na adolescência e na vida adulta os seus versos combativos começaram a conscientizar outros continentes sobre as atrocidades cometidas pelos colonialistas portugueses.

Ele se compadecia quando via os cabo-verdianos/guineenses sendo castigados ou explorados. Segundo Lopes (2012), em 1953, durante uma visita ao arquipélago dos Bijagós na Guiné-Bissau, Amílcar presenciou o açoitamento brutal

de uma senhora idosa pelo chefe do posto português, ele ordenou que o funcionário parasse imediatamente com esta arbitrariedade. Embora o soldado não concordasse, atendeu ao pedido sob protesto. Percebe-se a sensibilidade de Cabral para com o próximo, de acordo com VEIGA (2020):

Nele se congregam visões, virtudes, práticas e vivências do foro ético, como: a liberdade e a justiça; a verdade e a honestidade; o respeito e a solidariedade; o desenvolvimento, a valorização e a dignidade da pessoa humana; a cultura da paz e da não violência; a defesa e a promoção da equidade do gênero. (VEIGA, 2020, p. 197).

Cabral era considerado o soldado da paz e o defensor da integridade do povo colonizado. Ele não aceitava os atos de violência cometidos aos menos favorecidos e a sua luta pautava-se na “carta dos direitos humanos” na busca de igualdade, de respeito e oportunidades aos africanos que estavam sob o domínio português.

Atualmente é considerado um dos líderes africanos mais carismáticos. O título de herói e “Pai” da nacionalidade cabo-verdiana e guineense condiz com as suas atitudes em vida em prol da defesa da África livre e liberta. A preocupação para com o próximo foi muito além da classe social ou da cor da pele:

Cabral, aquela que antevê a HUMANIDADE como uma família e a VIDA um dom e uma bênção para todos, para o Homem preto ou branco, vermelho ou amarelo, para os sujeitos de todas as raças, de todos os horizontes, de todos os credos, de todos os Partidos, de todas as condições sociais. (VEIGA, 2020, p. 200).

A separação dos pais e os esforços de Iva Évora para a educação dos filhos, exigiu que ela desempenhasse diversos papéis como, por exemplo, mulher, emigrante, mãe, chefe de família e operária. Cabral teve grande preocupação em relação às mulheres e defendia direitos iguais para as mesmas como, por exemplo, direito à educação, trabalho e equidade do gênero. Segundo VEIGA (2020):

A luta pelos direitos fundamentais da pessoa humana; o respeito pelos outros, que esse outro seja um camarada ou um adversário; a luta contra a discriminação, a exploração, os abusos do poder, o nepotismo, a corrupção, a fome, a insegurança, o racismo, a insanidade, em fim, tudo o que punha em causa a expressão e o respeito pela dignidade humana constituía a razão de ser do projeto de libertação preconizado por Amílcar Cabral. (VEIGA, 2020, p. 204).

Amílcar abordava em seus discursos a questão da emancipação feminina, a falta de visibilidade e a ausência de representação das mulheres no cenário intelectual, trabalhista e político. Elas não possuíam direitos e sim deveres, além disso, a sua função na sociedade cabo-verdiana era: cuidar da casa e ter filhos. O poeta não concordava com o papel que as mulheres ocupavam no Arquipélago, pois vivenciou isto de perto ao ver a sua mãe ser abandonada pelo pai e o mesmo não ajudou financeiramente com a sua criação. Dona Iva trabalhou em diversos subempregos para sustentar a casa e os filhos. Assim, de acordo com Amílcar Cabral em *Unidade e Luta*, 1976, em um de seus discursos políticos ele exprime a sua opinião sobre o papel do sexo feminino na formação no cenário cultural e político das ilhas:

Nós queremos que o nosso povo se levante, avance; e se queremos que o nosso povo se levante, não são só os homens, porque as mulheres também são o nosso povo. Aqueles que entenderam que a mulher tem direito de avançar, de ter instrução, de ir à escola como qualquer ser humano, para fazer qualquer trabalho, como ela é capaz de fazer; aqueles que entenderam bem que um homem enquanto tiver três, quatro mulheres, nunca será um homem de verdade e que não há nenhum povo que possa avançar com homens com quatro mulheres; (CABRAL, 1976, p. 106).

A participação de Cabral no cenário político das guerras coloniais contribuiu para a libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde. A figura de Amílcar Cabral ficaria na história dos povos de Guiné e Cabo Verde ao ser anunciado o seu assassinato na noite do dia 21 de janeiro de 1973. Segundo Lopes (2012) os escritos e os discursos deixaram um legado político que o tornou uma das personalidades africanas mais renomadas a nível mundial, pois a sua visibilidade e humanismo iam além das fronteiras Guiné/ Cabo Verde. Logo, segundo VEIGA (2020):

Durante a Luta Armada, no percurso que vai de 1963 a 1973, Amílcar Cabral foi mais um pedagogo, um humanista e um homem de cultura do que um general de guerra. Aliás, ele se autoproclamava “um soldado da paz” e sempre considerou “a luta armada como um ato de cultura”. Já na sua adolescência, na juventude e durante a fase dos seus estudos acadêmicos, escreveu páginas poéticas de um humanismo impressionante. [...] Como Secretário-Geral do PAICV, durante a luta armada de libertação, organizou vários seminários de formação, dirigidos a soldados e combatentes, muitos deles iletrados, onde, com uma pedagogia contagiante, produziu lições democráticas, cheias de humanismo, de africanidade, de fraternidade, de solidariedade, de justiça social, de equidade do gênero, de cultura de paz, de progresso e de respeito pelos direitos humanos, inclusivamente dos adversários e do povo português que ele sempre considerou um aliado na luta contra o sistema colonial-fascista perpetrado pelo então regime salazarista. (VEIGA, 2020, p. 189-190).

A partir dos anos 1950, a repressão da metrópole levou ao surgimento de vários partidos políticos por toda a África portuguesa e em Cabo Verde não foi diferente. O nome do partido fundado por Amílcar Cabral, em 1956, PAIGC remete a coletividade que foi amplamente difundida pelos seus ideais de libertação. Segundo Hernandez (2002), em *Os Filhos da Terra do Sol*, Cabral explica o porquê do nome fazer referência às duas nações:

Os povos guineenses e cabo-verdianos deveriam manter-se unidos tanto por suas raízes históricas quanto pela lealdade política aos objetivos do movimento. (...) Refere-se à ligação entre os dois povos desde o passado, virtude da origem guineense da população cabo-verdiana. Lembra também outro fato que não pode ser negligenciado: o de que o governo português, até 1879, considera Guiné e Cabo Verde uma só entidade administrativa, como um único governo sediado em Praia. (HERNANDEZ, 2002, p. 173-174).

Entre os anos de 1956 e 1959 o partido agiu pacificamente, mas a greve geral dos trabalhadores do porto de Pindjiguiti em 3 de agosto de 1959 deixou um saldo de cinquenta estivadores mortos/feridos. A partir deste fato, o PAIGC iniciou em 1963 o confronto armado nas matas da Guiné Portuguesa, porém tinha como princípio não disseminar a mesma violência que era praticada pelos portugueses, segundo Amílcar *apud* Veiga (2020, p. 223), “O Partido proíbe na nossa luta tudo quanto possa ser crime, manifestação d’ ódio ou sede de sangue”.

Cabral sabia que para derrotar o colonialismo em Cabo Verde não poderia apenas reproduzir as táticas de lutas de outras colônias, pois elas tinham contextos diferentes. Ele sabia da necessidade em focar nas especificidades dos cabo-verdianos para atingir os seus objetivos. Tinha como propósito a descolonização das mentes, pois somente desta forma iniciaria o processo de conscientização e o ponto de partida seria a educação crítica.

O PAIGC iniciou o sistema educacional nas matas da Guiné, tendo como prioridade a alfabetização dos militantes do partido. Após o processo de alfabetização e formação política, os jovens voltavam às suas comunidades como professores e impulsionavam o processo educacional que despertasse a conscientização nas mentes dos alunos/militantes (BORGES, 2008). Segundo Veiga (2020), Cabral preconizava a busca pelo patriotismo e despertar o amor pela terra aos cabo-verdianos/ guineenses a qual durante séculos foi o cenário de humilhações/mortes/opressão.

“luta...” como um ato de cultura. Os camaradas devem ter compreendido já que a nossa resistência cultural consiste no seguinte: enquanto liquidamos a cultura colonialista e os aspectos negativos da nossa própria cultura, temos de criar uma cultura nova, baseada nas nossas tradições, mas respeitando tudo quanto já se tem conquistado no mundo para servir o homem. (VEIGA, 2020, p. 222).

Ao realizar a guerra pela libertação física, seria necessário promover a alforria intelectual e psicológica do homem negro-africano. Neste sentido, compreende-se a educação como um processo de organização do trabalho que se articula com outros setores.

Na busca de ganhar mais apoio de outras nações acerca das lutas de libertação, Amílcar começou a escrever poesias que retravam as agonias do africano colonizado e oprimido por cinco séculos. Na coletânea, *Emergência da Poesia em Amílcar Cabral: 30 poemas*, de Oswaldo Osório (1983), foi um tributo, a fim de homenageá-lo pelos 10 anos da sua morte. As poesias de Cabral continham o discurso político de uma época tão conturbada e mesmo assim relacionavam-se com a estética e com o artístico, e, desta forma a mensagem chegava ao leitor. Luís Carlos Alves de Melo define os versos combativos em seu artigo, “A poesia intimista-militante guineense: elos entre a literatura e o engajamento político” (2011, p. 149), “[É] o elo de união entre literatura e política é o canal pelo qual vozes silenciadas podem se tornar visíveis e sair das sombras da subalternidade.

Segundo Mário de Andrade em *Antologia Temática de Poesia Africana - o Canto Armado 2* (1979) o tópico basilar destas poesias é a convocação do povo colonizado à luta, além disto, a partir dela, o homem negro começou a perceber qual seria o seu papel dentro da sociedade colonial. Durante os movimentos de libertação, vários poetas começaram a escrever poesias em português e na língua crioula, a fim de abranger um público maior. Essas produções eram verdadeiros cantos armados, pois possuíam um tom apelativo em relação aos anseios político que transmitiam o sonho utópico de liberdade e nele os direitos chegariam a todos. Inteligentemente, muitos políticos impunham armas e penas ao mesmo tempo e, desta forma, conseguiam retratar como era o dia a dia das lutas para o papel de forma poética.

Segundo Abdala Junior (1989), as literaturas engajadas têm como parâmetro a sua história que, de forma geral, remetem ao colonialismo e à opressão decorrente desta longa noite colonial. O autor procura trazer os reflexos do abuso da Metrópole

nos seus versos, além disso, não contradiz o seu posicionamento em seu cotidiano. Amílcar era um humanista que conseguia liderar brilhantemente as lutas de libertação nas matas da Guiné-Bissau com os guerrilheiros guineenses e nos campos de luta conseguia escrever as suas poesias. Neste sentido, conseguia externar a sua indignação e sonhos através do binômio: liberdade x igualdade, portanto, trazia a realidade do cenário de luta para os seus versos que eram impregnados de marcas históricas e sociais. Cabral escreveu alguns poemas com a temática sobre a seca como, por exemplo, “Ilha”, e “Retorno”. O primeiro de acordo com Elfi Kürten Fenske, Portal Delfos, "Amílcar Cabral - o poeta da liberdade" (2015) foi publicado em 1945, Cabo Verde nesta época passava por forte seca e muitos cabo-verdianos haviam morrido:

Ilha

Ilha

Tu vives — mãe adormecida — nua e esquecida,
seca,
fustigada pelos ventos,
ao som de músicas sem música
das águas que nos prendem...

Ilha:

teus montes e teus vales
não sentiram passar os tempos
e ficaram no mundo dos teus sonhos
— os sonhos dos teus filhos —
a clamar aos ventos que passam,
e às aves que voam, livres,
as tuas ânsias!

Ilha:

colina sem fim de terra vermelha
— terra dura —
rochas escarpadas tapando os horizontes,
mas aos quatro ventos prendendo as nossas ânsias!
(CABRAL, 1945 *apud* Fenske, 2015, p. 3)

Nota-se que o jogo de palavras utilizado por Amílcar serve para compor a ação reivindicatória em relação às causas sociais e econômicas no que tange à construção da sua poesia de combate. Desta forma, os seus discursos políticos são revertidos em textos poéticos com muita qualidade estética.

Na primeira estrofe da poesia, o eu poético demonstrava preocupação em relação aos problemas que o arquipélago vivenciava. No verso “águas que nos prendem”, percebe-se que o mar era o imaginário da libertação, visto que o solo não

era propício para agricultura, logo nota-se o desejo de partir para um lugar que pudesse propiciar condições melhores.

Segundo Carmen Lucia Tindó Secco em “Mar, memória e metapoética na lírica cabo-verdiana” (1997), o mar era considerado a rota de fuga e operava no imaginário dos colonizados, porque viabilizaria encontrar um lugar mais satisfatório. Metaforicamente, ele poderia representar uma prisão, mas por outro lado figurava o espaço da esperança. Muitos poetas o definiam como o caminho da evasão, pois levaria para locais distantes e proporcionaria melhores oportunidades.

a ênfase artística [...] destaca o “espetáculo” próprio dessa forma de comunicação, que não deixa de incorporar como matéria discursiva um conjunto de outras práticas sociais de nossa época. Esse processo de incorporação não se mostra meramente adaptativo, extensivo. [...] os escritores que apresentam uma prática artística que é formalmente problematizadora, tendo em vista a construção de um texto realmente revolucionário. (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 44-45)

No poema “Retorno” é possível verificar que o eu lírico relata o momento da chegada da chuva no arquipélago. Após anos de seca, ela foi considerada algo esperado e bem-vinda como é explicitado no verso “A chuva amiga, Mãe Velha, a chuva”. Neste sentido, a sua chegada acalmou o coração dos cabo-verdianos e metamorfoseou tudo que estava seco em verde que, naquele momento, representava a cor do sentimento dos colonizados do Arquipélago.

Retorno

Mãe Velha, venha ouvir comigo
O bater da chuva lá no seu portão.
É um bater de amigo
Que vibra dentro do meu coração

A chuva amiga, Mãe Velha, a chuva,
Que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade-Velha
– a ilha toda –
Em poucos dias já virou jardim...

Dizem que o campo se cobriu de verde
Da cor mais bela porque é a cor da esperança
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde.
– É a tempestade que virou bonança...

Venha comigo, Mãe Velha, venha
Recobre a força e chegue-se ao portão
A chuva amiga já falou mantenha
E bate dentro do meu coração!
(CABRAL, 1949 *apud* Fenske, 2015, p. 3)

No poema ainda se percebe a utilização de rimas consoantes ou rimas perfeitas que é um artifício não utilizado em outras poesias de Amílcar Cabral, como se vê na primeira estrofe, “Mamãe Velha, venha ouvir comigo” / “O bater da chuva lá no seu portão.” / “É um bater de amigo “Que vibra dentro do meu coração”. Nota-se, que a estrutura do poema ainda seguia os moldes da poética europeia, neste sentido os versos eram lidos com ritmo e melodia, segundo Antonio Candido em *O Estudo Analítico do Poema*, (2006), p. 62, “a função principal da rima é criar a recorrência do som de modo marcante, estabelecendo uma sonoridade contínua e nitidamente perceptível no poema”, assim durante a leitura dos versos homofônicos as palavras adquirem uma beleza incomum e leva o leitor a refletir.

A década de 1940 foi difícil, pois muitos soldados portugueses estavam em Cabo Verde a mando de Salazar que temia a invasão por parte da Alemanha devido à Segunda Guerra Mundial. No poema “Naus sem rumo”, Cabral retratou a situação do Arquipélago durante os anos de 1939 a 1945, aliás ele escreveu um pouco depois os versos do “Poema” (1951). No primeiro poema, o eu lírico utiliza o imaginário marítimo, representado pelas naus que poderiam ser utilizadas como um meio de fuga das adversidades: seca (períodos das crises hídricas: 1941 a 1943; 1947 a 1948), fome e várias epidemias (tracoma, malária, de febre tifoide). (HERNANDEZ, 2002).

A presença militar portuguesa no arquipélago no decurso da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) colaborou para aumentar o clima de insatisfação da população, pois existiam poucas comida e água. Muitos conflitos entre cabo-verdianos e soldados ocorreram nas ilhas, portanto, cada vez mais aumentava a insatisfação da população em relação a Portugal. (HERNANDEZ, 2002).

“Naus sem rumo” foi escrito durante a segunda Guerra Mundial e contribuiu para conscientizar os jovens colonizados em relação à violência, à fome e à subalternidade. Este poema se enquadra com a perspectiva do movimento dos claridosos ao voltar-se para os problemas que Cabo Verde passava naquele momento. É interessante a análise deste poema, pois Amílcar convoca os cabo-verdianos a partirem em busca de um lugar melhor e com oportunidades:

Naus sem rumo

Dispersas,
emersas,

sozinhas sobre o oceano...
 sequiosas,
 rochosas,
 pedaços do africano,
 do negro continente,
 as enfeitadas filhas,
 nossas ilhas,
 navegam tristemente...
 Qual naus da antiguidade,
 Qual naus do velho Portugal,
 (...).
 São dez as caravelas
 Em busca do infinito...
 À tempestade e ao vento, Caminham...
 Navegam mansamente as ilhas as filhas do negro continente
 (...).
 Sem rumo e sem fito,
 Sozinhas dispersas,
 emersas,
 nós vamos,
 sonhando,
 sofrendo,
 em busca do infinito!
 (CABRAL, 1943 *apud* OSÓRIO 1983, p. 60)

A sensação de tristeza do eu lírico frente à realidade na qual Cabo Verde estava introduzida é perceptível em todos os versos do poema. No verso, “São dez as caravelas”, ficou clara a alusão feita em relação as dez ilhas do arquipélago, logo ocorreu a “metáfora implícita de alto teor semântico” (Andrade, 2016, p. 90) aqui ocorre um diálogo com *Octávio Paz em O arco e a lira*, (1982, p. 129), afinal “Cada vocábulo possui vários significados, mais ou menos conexos entre si. Esses significados se ordenam e se precisam de acordo com o lugar da palavra na oração”.

Neste sentido, o mito de *Pasárgada* ainda vivia e a utopia poderia ser definida como o suspiro da criatura oprimida. Além disso, os colonizados que viviam a longa noite colonial tinham o hábito de “criar caminhos para construir o outro lugar, um espaço alternativo de uma nova forma de realidade satisfatoriamente mais justa e igualitária”.

Poema

Quem é que não se lembra
 Daquele grito que parecia trovão?!
 - É que ontem
 soltei meu grito de revolta.

Meu grito de revolta ecoou
 Pelos vales mais longínquos da Terra,
 atravessou os mares e os oceanos,
 transpôs os Himalaias de todo o Mundo
 não respeito fronteiras,
 e fez vibrar meu peito...
 Meu grito de revolta fez vibrar
 Os peitos de todos os Homens,
 Confraternizou todos os
 Homens e transformou a Vida...
 ...Ah! O meu grito de revolta
 que percorreu o Mundo,
 que transpôs o Mundo,
 o Mundo que sou eu!
 Ah! O meu grito de revolta que
 feveceu lá longe
 na minha garganta!
 Na garganta-mindo de todos os
 Homens.
 (CABRAL, 1951 *apud* OSÓRIO 1983, p.71)

Neste poema é possível verificar o uso de versos livres - não possuem métrica – como percebe-se nos três versos, “**quem-é-que-não-se-lem-bra**” (6 sílabas literárias); “**da-que-le-gri-to-que-pa-re-ci-a-tro-vão**” (12 sílabas literárias); “**sol-tei-meu-gri-to-de-re-vol-ta**” (8 sílabas literárias). Segundo CANDIDO (2006):

No Modernismo, a rima nunca foi abandonada. Mas os poetas adquiriram grande liberdade no seu tratamento. O uso de versos livres, com usos mais pessoais, podendo esposar todas as inflexões do poeta permitiu deixá-la de lado. No verso metrificado, ela foi usada ou não, [...]. (CANDIDO, 2006, p.62)

A escrita de Cabral incorporou as mudanças que a Semana de 22 promoveu na Literatura de Cabo Verde. A combinação das palavras, as figuras de linguagem, as alegorias e o ritmo concorrem para corroborar a produção poética. Ao analisar os versos é necessário lançar mão dos recursos literários para compreensão das mensagens implícitas no texto, afinal de acordo Candido (2006, p. 113), “O poeta usa as palavras em sentido próprio e em sentido figurado”.

No trecho “Soltei meu grito de revolta” a palavra “grito” ganhou uma nova significação e novo valor metafórico, desta forma dialoga com o pensamento de Paz (1982, p. 26), “a palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões [...]”, por exemplo, o léxico “grito” não está empregado com o seu significado literal, assim adquiriu uma nova acepção de acordo com o interesse do eu lírico que, neste caso, refere-se a um basta pelas humilhações vividas ao longo de cinco séculos de subjugação.

“Meu grito de revolta ecoou”/ “Pelos vales mais longínquos da Terra,”/ “atravessou os mares e os oceanos,” / “transpôs os Himalaias de todo o Mundo”/ “não respeito fronteiras”, o eu poético buscava chamar a atenção dos outros continentes respeito da falta dos direitos humanos que os africanos viviam. Novamente percebe-se a metáfora, pois segundo o pensamento de Sartre (2004, p. 37), “o sentido não é a soma das palavras, mas sua totalidade orgânica”, e os versos possuem uma nova acepção conotativa como, por exemplo, em “Meu grito” que indica o desejo de que outras nações percebam o que acontece no Arquipélago. Nesta perspectiva, o poeta ao escrever introduziu o código que induzia a convocação à luta e dirigiu a mensagem para os diversos leitores que faziam parte da criação artística e, assim, a acepção imagética do verso “Meu grito de revolta ecoou [...]” correspondeu a figura de linguagem hipérbole que objetivou dar destaque ou maior expressividade ao texto escrito no que tange ao ato de chamamento. Logo os seus versos eram uma manifestação dialógica com os discursos pertencentes as sociedades existentes no mundo.

Observa-se que a linguagem utilizada na poesia cabralina se transformou no objeto de desalienação, visto que ela seria capaz de promover a mudança no panorama da sociedade colonizada a partir do desmantelamento dos discursos fascistas vigentes nas colônias portuguesas. Os seus versos exteriorizavam a sua interpretação do mundo e do homem colonizado, além disso traziam várias experiências pessoais do seu dia a dia nos campos de batalha. O seu pensamento foi externado nas poesias e assim ganhavam novos significados, portanto, as palavras eram uma a sua arma de trabalho, pois através delas era possível formar os versos que a partir daí com o léxico adequado seria possível transmitir a mensagem desejada.

O verso “transpôs os Himalaias”, indica que o seu clamor deveria ultrapassar por todas as montanhas (neste caso, poderia ser considerado como os obstáculos que deveriam ser vencidos), neste sentido segundo Paz (1982, p. 129), “os significados relativos da linguagem se mostram inoperantes, recorre a um jogo de palavras que é um enigma poético”, nota-se que Cabral fez um tratamento estético nos na sua poesia combativa para que ela não fosse vista como uma simples transmissora de ideais políticos. De acordo com Veiga (2020, p. 287): “[Amílcar] utilizava a arte da poesia para esculpir a beleza da vida, mesmo nas circunstâncias

dramáticas da dominação, da exploração e da guerra para a conquista da liberdade e o reconhecimento da dignidade”.

Cabral, *Apontamentos sobre a poesia caboverdiana* (1976) confirma que os versos eram uma arma de conscientização:

A poesia como qualquer manifestação artística, e apesar de toda a característica individual, imanente da personalidade do poeta, é necessariamente um produto do meio em que tem expressão. Quer dizer: por maior que seja a influência do próprio indivíduo sobre a obra que produz, esta é sempre, em última análise, um produto do complexo social em que foi gerada. (CABRAL, 1976, p. 16)

Amílcar sonhava com um novo “nós” e com uma nova comunidade na qual todos teriam condições melhores de vida, assim segundo Veras (2020, p. 21): “O bem viver é uma utopia”, esta citação seria um dos pilares das poesias combativas naquele momento de efervescência das lutas de libertação.

Os versos utópicos de Cabral remetiam ao sonho, no sentido de fantasia, ou seja, a um lugar afortunado que não existe, logo de acordo com Thierry Paquot, *A utopia* (1999) os versos de Amílcar referem-se a, “um lugar em que o viver é tão bom que se torna inatingível!” (PAQUOT, 1999, p. 8). Percebe-se que a definição de utopia relaciona-se com o futuro ilusório. Assim, segundo José Luiz Barbosa no artigo em “A cidade do devir na Utopia de Thomas Morus” (2006) analisa o léxico utopia:

A expressão Utopia, um neologismo latino que deriva de duas palavras do léxico grego: *ouk*, cujo significado é uma negação - aparecendo normalmente reduzida para ou diante de consoantes - e abreviada em *u* para comportar a imagem verbal *mio*; e *topos* (lugar), acrescida do sufixo *ia*, indicativo de um estado ou condição derivada de um lugar. [...]
Como substantivo comum, a expressão Utopia é tomada como uma sinonímia do distante inalcançável, o sonho irrealizável, fantasia, quimera, insensatez. Sob o domínio do senso comum e ao abrigo de um sentido pejorativo, a Utopia como substantivo reúne a força ideológica de desqualificação de ideias, projetos e invenções lançadas a um futuro considerado pouco ou nada verossímil. Com esse tratamento genérico e vulgar, a Utopia toma-se apenas uma licença provisória para um sonho humano irrealizável, e, portanto, condenado inexoravelmente ao fracasso. (BARBOSA, 2003, p. 26).

Nota-se que a definição de utopia sempre esteve atrelada as ideias imaginárias, ilusórias, fantasiosas ou impraticáveis, assim Cidival Moraes de Sousa ratifica este pensamento em *Utopia, ainda que tardia* (2016, p. 17) “A palavra

“Utopia” geralmente é vinculada a algo irrealizável ou que não existe em lugar nenhum. Utopia como “lugar nenhum” é, de fato, um lugar irreal’. Em contrapartida, o que em um determinado momento poderia ser quimérico em outra época poderá ser realizável de acordo com o período em que se vive.

O pesquisador Adalmir Leonídio no ensaio “Utopias por um mundo melhor” (2004) opina sobre a definição de utopia que foi tão defendido por diversos pensadores por anos e séculos:

A imagem da utopia como mero sonho, fantasia ou evasão da realidade, não parece mais ser aceita pelos estudiosos do tema. Tampouco ela parece revelar-se exclusivamente através do seu conteúdo revolucionário. (LEONÍDIO, 2004, p. 26).

Neste sentido, percebe-se houve uma modernização em relação a aceção deste assunto na atualidade. Leonídio (2004) defende que conceituar utopia de forma genérica seria algo insensato, pois há vários tipos como, por exemplo, utopias sociais, utopias políticas, utopias religiosas, utopias cientistas, entre outras e cada uma se apresenta de forma diferente de acordo com a época e contextos históricos que a sociedade está inserida.

As utopias devem ser absorvidas pelos grupos sociais das sociedades oprimidas para que elas passam ser realizadas. Durante os movimentos de libertação, os ideais utópicos precisavam circular e conscientizar os colonizados, a fim de transcender o status quo de submissão. A intenção de Amílcar Cabral com as poesias de combate era alcançar um número cada vez maior de simpatizantes e, desta forma, seria possível alicerçar os seus ideais de igualdade de direitos como norteia a Organização das Nações Unidas (ONU).

Os seus ideais revolucionários tinham o propósito de produzir uma nova ordem social, por esta razão estariam aptos a realizar as utopias tão propagadas nos seus versos. Neste sentido, à medida em que os princípios eram difundidos pelo PAIGC mais seriam absorvidos pelos grupos e classes sociais.

A poesia de combate cabralina buscava externar a ideia do uso dos versos que tinham como característica basilar a necessidade de elaborar produções que trouxessem uma linguagem engajada com os ideais militantes e utópicos. Neste sentido, segundo Abdala Junior (1989, p.118), “(...) a literatura militante oscila entre um discurso meio jornalístico e meio literário”.

A postura assumida pelos movimentos revolucionários dialogava diretamente com a afirmação da literatura. Assim sendo, ela assumiu um caráter não só descritivo, mas passa a fazer parte da mobilização de um corpus de articulações estéticas. Pode-se afirmar que o autor engajado possui papel extremamente importante na sociedade em que está inserido, Sartre (2004, p. 166) pondera que a função do escritor engajado é, “disseminar dúvidas, expectativas e incompletude, forçando o leitor a fazer suas próprias conjecturas.”

Georg Lukács em *Arte livre ou arte dirigida?* (2010) informa que é necessário levar em conta o momento histórico e relacioná-los com a atualidade, ou seja, compreender a situação social e econômica da sociedade da qual o cidadão faz parte e, desta forma, refletir o contexto no qual o homem – neste caso o colonizado - está inserido. Lukács corrobora com o pensamento da Moema Parente Augel em *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau* (2007):

A literatura de um país, como se sabe, está estreitamente ligada a seu lugar de enunciação. Os fatores geográficos, étnicos, históricos, econômicos e políticos estão em correlação com as estruturas socioculturais locais e se refletem no discurso literário, em sua manifestação estética que, a todo passo, direta ou indiretamente, a eles fazem referência. São fatores externos que delineiam o contexto histórico-cultural e que são internalizados na realização textual. (AUGEL, 2007, p. 44).

No poema abaixo, questiona-se, metaforicamente, sobre o tratamento desumanizado destinado aos colonizados. Ele não cita o arquipélago, mas é notório que fala em nome de todos os negros africanos que eram subjugados pelo colonialismo.

Que fazer?!

Eu não compreendo o Amor,
eu não compreendo a Vida
Mistérios insondáveis,
Formidáveis,
Mistérios que o Homem enfrenta
Mistérios de um mistério
Que é a alma humana...

Eu não compreendo a Vida:
Há luta entre os humanos,
Há guerra,
Há fome, e há injustiça imensa:

Há pobres seculares,
Aspirações que morrem ...
Enquanto os fortes gastam
Em gastos não precisos
Aquilo que outros querem ...

Eu não compreendo o amor:
Amamos quem sabemos impossível
Sentir por nós aquilo
Que tanto cobiçamos ...

A Vida não me entende,
Eu não compreendo a Vida.
Quero entender o Amor,
E o amor não me compreende!
(CABRAL, 1947 *apud* OSÓRIO, 1983, p. 67).

Nos versos, “Há guerra,”/ “Há fome,”/ “há injustiça imensa” o eu lírico denuncia as mazelas sofridas pelo africano. Sente-se confuso/perdido acerca deste sentimento entre os seres humanos, pois os africanos nunca receberam o mínimo de afeto e respeito. O poema deixa subtendido que o colonizador é o responsável pelas mortes, a fome e a miséria do colonizado. No trecho: “(...) Eu não compreendo a Vida”, o sujeito poético relembra os anos de violência, castigos, subjugação e os escravizados eram vendidos/tratados como mercadorias durante o período do tráfico negreiro. No verso: “Quero entender o Amor”, depreende-se que o eu lírico deseja saber como seria o amor/fraternidade entre os seres humanos independentes da cor ou condição social que ocupariam. O jogo de palavras utilizado por Cabral rompia as convenções através do criativo trabalho poético, assim PAZ (1982):

A poesia nasce no silêncio e no balbucio, no não poder dizer, mas aspira irremediavelmente a recuperar a linguagem como uma realidade total. [...] o poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares, as palavras gangrenadas, os murmúrios, o ruído, o sem-sentido. (PAZ, 1982, p. 344).

Nota-se que Cabral escrevia com extrema maestria, pois as suas estrofes trabalhavam com novas acepções no que tange ao sentido aos vocábulos. Cabral manifestava o “EU” coletivo, assim, segundo Abrahão Costa Andrade *Em que a poesia faz pensar?* (2016, p. 145), “A função do poeta de outros tempos era servir de porta-voz aos anseios comuns; sua voz realizava o milagre de ser ao mesmo tempo voz pessoal e voz de todos”, percebe-se esta coletividade no verso, “Eu não compreendo a vida” o sujeito da oração está na 1ª pessoa do singular, mas o eu lírico fala em nome de todos.

Nos versos, é perceptível a interação social mais ampla entre o autor e o Outro, o autor e as problemáticas sociais que têm por finalidade apresentar o Outro através de si mesmo e da circunstância que o envolve. Segundo Paz (1982, p. 319): “perceber no uno o outro, será devolver à linguagem sua virtude metafórica: dar presença aos outros”. Assim, a poesia que exprime o “EU” no sentido do coletivo é uma tentativa de equacionar essa tensão entre o “eu” do diálogo e o tu do monólogo, em constante procura daquilo que chamou “outridade”, pois enquanto documento humano a manifestação artística se volta para o encontro com o outro.

Experiência feita do tecido de nossos atos diários, a outridade é antes de mais nada a percepção de que somos outros sem deixarmos de ser o que somos, e que, sem deixarmos de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte. Somos outra parte. Em outra parte quer dizer: aqui, agora mesmo enquanto faço isto ou aquilo. E também: estou só e estou contigo, num não sei onde que é sempre aqui. Contigo e aqui: quem és tu, quem sou eu, onde estamos aqui? Irredutível, elusiva, indefinível, imprevisível e constantemente presente em nossas vidas, a outridade se confunde com a religião, a poesia, o amor e outras experiências afins. (PAZ, 1982, pp. 325-326)

Durante a leitura dos versos do poema “Que fazer?!”, identificam-se várias mensagens implícitas. Na poesia de Cabral, percebe-se um “grito crioulo” militante acerca do passado de violência dos colonizadores em relação aos colonizados. Segundo Simone Caputo Gomes em *I Encontro de Professores de Língua Portuguesa* (1991) a leitura dos versos de Amílcar não pode ser feita de modo passivo é necessária cautela acerca da multiplicidade de sentidos que estão subtendidos em cada estrofe.

Segundo Andrade (1979) as poesias são comparadas a cantos armados que consistiam em disseminar as ideias entre as massas e encorajar as faculdades poéticas entre os leitores, Sartre (1948) legitima esta afirmação escrevendo:

O escritor "engajado" sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da Sociedade e da condição humana. (SARTRE, 1948, p, 21)

Neste sentido a escrita de Cabral emergia da neutralidade e partia para a mobilização do pensamento, pois somente assim seria capaz de conquistar a libertação social e física. Os seus versos eram utilizados como um dispositivo

estético carregado de ideais políticos, assim a sua poesia foi tomando dimensões que versavam entre a emoção e a razão.

Segundo MacQueen (1998), em meados de 1962, cada um dos principais territórios africanos tinha instituído o seu movimento de libertação nacional. A luta na Guiné Portuguesa começou em 1963 e Cabral para amenizar as divergências dentro do PAIGC, escreveu o hino de Cabo Verde e da Guiné, a fim de promover a unidade entre as duas colônias. Dialogando com o pensamento de Antonio da Conceição Monteiro Fernandes, “Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação” (2007):

[...] para nós o problema da unidade da Guiné e Cabo verde não se põe por uma questão de capricho nosso e ou é porque Cabral é filho de cabo-verdiano, nascido em Bafatá, que tem grande amor pelo povo da Guiné, mas também grande amor pelo povo de Cabo Verde. “Não é nada por isso, embora seja verdade”. Afirma que: “a razão fundamental da luta pela unidade da Guiné e cabo Verde é a própria natureza da Guiné e Cabo Verde” e acrescenta ainda que “por natureza, por história, por geografia por tendência econômica, por tudo, até por sangue, a Guiné e Cabo Verde são um só” (FERNANDES, 2007, p. 53).

Amílcar Cabral procurou encontrar na aliança entre as duas colônias mecanismos viáveis para o desenvolvimento da luta de libertação nacional como também a necessidade de fazer da união a força para enfrentar o inimigo. Em meio às lutas pela independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, em 1963, Cabral escreveu a letra e Xiao He foi o autor da melodia do hino que serviu as duas colônias após a independência. De acordo com Augel (2007), Cabo Verde utilizou entre 1975 e 1996, quando substituiu pelo atual *Cântico da Liberdade*.

Esta é a Nossa Pátria Bem Amada

Sol, suor, o verde e o mar,
Séculos de dor e esperança;
Esta é a terra dos nossos avós!
Fruto das nossas mãos,
Da flôr do nosso sangue:
Esta é a nossa pátria amada.

Viva a pátria gloriosa!
Floriu nos céus a bandeira da luta.
Avante, contra o jugo estrangeiro!
Nós vamos construir
Na pátria imortal
A paz e o progresso!
Nós vamos construir
Na pátria imortal

A paz e o progresso!

Ramos do mesmo tronco,
Olhos na mesma luz:
Esta é a força da nossa união!
Cantem o mar e a terra
A madrugada e o sol
Que a nossa luta fecundou.

Viva a pátria gloriosa!
Floriu nos céus a bandeira da luta.
Avante, contra o jugo estrangeiro!
Nós vamos construir
Na pátria imortal
A paz e o progresso!
(CABRAL, 1963, *apud* AUGEL, 2007, p. 422)

A letra foi escrita em um momento que os ânimos estavam exaltados. É possível identificar que o poema/hino remete ao contexto de opressão e lutas das duas nações: Cabo Verde e Guiné-Bissau, pois foi escrito em 1963 e nesta época o PAIGC estava envolvido nas lutas de libertação nas duas nações. Segundo ANDRADE (1979):

Essa figura de poeta-militante, duma maneira geral, afirma a sua personalidade e afina as suas armas, durante a guerra de libertação nacional. É evidente que o tom, a força de convicção, numa palavra o impacto desta poética, dependem, em grande parte, da própria posição em que se encontra o poeta-militante face à guerra de libertação. (ANDRADE, 1979, p. 11).

Na primeira estrofe, o pronome possessivo “nossas” remete à coletividade, ou seja, a voz do poeta funciona como canal equalizador dos medos, dos anseios e dos desejos de condições melhores para o africano colonizado da África. As ilhas estavam mergulhadas em um tempo sombrio e os versos “Séculos de dor e esperança/ Esta é a terra dos nossos avós!” externavam a realidade dos cabo-verdianos, visto que o solo apresentava manchas de sangue dos escravizados que haviam sido torturados e mortos durante o período negreiro, além disso a violência ainda permanecia na década de 1960.

No verso “Da flôr do nosso sangue” o autor deixa claro que por trás da beleza do arquipélago há um passado de dor, de violência e de mortes. Metaforicamente, o sangue dos nativos foi comparado ao elemento vital para o desenvolvimento do território africano, visto que era o mecanismo de geração de capital durante o período da monarquia e posteriormente durante a república.

No verso “Avante, contra o jugo estrangeiro!” o autor convoca os nativos a lutarem contra a repressão violenta do regime fascista que lucrava com a venda de

minérios das colônias como, por exemplo: Angola (ferro, diamantes, etc) e Moçambique (carvão, ouro, etc). Desta forma, Portugal conseguia manter o equilíbrio econômico, visto que era o país mais pobre da Europa Ocidental e dependia financeiramente das colônias que viviam na mais completa miséria. (MACQUEEN,1998).

No trecho “A paz e o progresso!”/ “Nós vamos construir” claramente o sujeito poético expõe o sonho utópico de uma sociedade mais justa. O eu lírico tenta fazer uma projeção do futuro, representa o desejo de escapar e modificar a realidade opressiva, Cabral tencionava transformar um determinado cenário em outro que atendesse às suas expectativas. Dialogando com o pensamento de Paul Ricoeur, em *A ideologia e a utopia*, (2017, p. 337): “A utopia não é somente um sonho, mas um sonho que quer se realizar. Ele se dirige para a realidade e a esfacela. Sem dúvida, a intenção utópica é mudar as coisas”. Além disso, segundo veras (2020):

as utopias, em todas as suas formas de expressão, remetem sempre a determinadas leituras da realidade social, que é identificada como um mal, lutas e sonhos. Nesses termos, a história das utopias identifica-se com a história da indignação e da luta contra a injustiça. [...] A fonte das utopias (e das distopias) localiza-se, portanto, no além de gêneros literários e nos discursos políticos [...]. (VERAS, 2020, p. 291).

Cabral utilizou o cenário oprimido e através dele forjou uma ideologia construtiva e revolucionária que eram externados por intermédio da sua militância e das suas poesias combativas que procuravam conscientizar os colonizados. Ele sabia que o presente estava destruído, mas não se negava a vivê-lo e propunha-se a reconstruir os escombros de uma colônia em ruínas, as atitudes de Cabral dialogavam com o pensamento de Giorgio Agamben (2019, p. 59), em *O que é contemporâneo? E outros ensaios*, “Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir do seu tempo”, Amílcar não fugia à luta e tentava mudar a realidade do continente africano diplomaticamente.

3 O LEGADO DE UM HUMANISTA

Amílcar, Amílcar,
Teu nome era pão
Tua sombra era teto
Tua palavra era paz
Tecida como um manto
Para cobrir todos os homens

Tacalhe

3.1 A diplomacia de Amílcar

Cabral lutou, diplomaticamente, pelos desmandos da Metrópole, mas Salazar não aceitava conceder a liberdade aos territórios anexados. Angola era considerada a mais a rica, pois havia grande concentração de jazidas de diamantes, além disto, a partir da década de 1970, foi encontrada uma grande reserva de petróleo em sua costa, desta forma ela ganhou destaque como produtora mundial. Baseando-se nas riquezas naturais que algumas colônias possuíam, entende-se o real motivo de Lisboa permanecer no continente africano. (MACQUEEN, 1998).

Amílcar, sagazmente, optou pelo curso de agronomia, pois tencionava ajudar Cabo Verde. Segundo Borges (2008), os problemas enfrentados pelas ilhas eram motivo de preocupação para ele como, por exemplo, o solo muito seco, a erosão e a crise hídrica constante.

Ao finalizar a graduação em 1952, retornou a Guiné-Bissau com o diploma de Bacharel sendo contratado como técnico e a sua intenção era pôr os seus conhecimentos em prática, a fim de melhorar a condição alimentar de Cabo Verde e conhecer as matas guineenses.

Danúbia Mendes Abadia, na sua tese de doutorado, “As lutas anticoloniais em Guiné-Bissau e Cabo-Verde sob a perspectiva ideológica e a trajetória política de Amílcar Cabral (1960-1974)” (2018) menciona que Cabral também esteve nos bastidores da formação dos movimentos de libertação de Angola e colaborou com construção do Movimento Anticolonial (MAC). O tratamento artístico utilizado por ele conferia uma nova significação e conseguia atingir com maior profundidade os seus

objetivos que seria despertar a reflexão ao que foi lido, PAZ (1982) discorre sobre este fato:

As palavras, é claro, têm um valor. O valor das palavras reside no sentido que ocultam. Ora, esse sentido não é senão um esforço para alcançar algo que não pode ser alcançado realmente pelas palavras. Com efeito, o sentido aponta para as coisas, assinala-as, mas jamais as alcança. Os objetos estão mais além das palavras. (PAZ, 1982, p.128).

Cabral utiliza recursos metafóricos ao comparar o homem do passado com o homem do presente:

Evolução Conceptual e Real

Um conceito anterior: um caracol
 Nos mistérios de um invólucro de egoísmo.
 A vida só valia à luz do sol,
 De um sol falho de Amor – do comodismo.
 Conceito mais atual: uma alma aberta à vida,
 Na conquista da vida, rasando o seu destino.
 Na estrada a percorrer, na estrada percorrida.
 O amor é o justo guia, o amor é um constante hino.
 (CABRAL, 1950 *apud* ABADIA, 2018, p. 155).

No verso “Um conceito anterior: um caracol”, nota-se que o homem africano estava totalmente alienado, pois permanecia em um “caracol” e em total comodismo. O poema foi baseado na dicotomia inércia x luta que ficou subtendida através do nome “Evolução”. No dicionário on-line *Priberan da Língua Portuguesa* (2008), o léxico que deu nome ao título é definido da seguinte forma: “Ato ou efeito de evoluir; Transformação gradual ao longo de um período”, portanto, houve a relação da escrita com a mensagem que ele desejou transmitir aos leitores. A partir da sua entrada nos movimentos libertários, a população colonizada começou a envolver-se com mais afinco na luta contra o fascismo. As suas escritas ocasionaram uma mudança de pensamento na África portuguesa no que tange ao papel do indivíduo dentro da sociedade colonizada, Sartre valida este pensamento:

o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. (SARTRE, 1948, p. 21).

Abdala Junior (1989) complementa o pensamento de Sartre (1949) no tocante ao processo de conscientização:

a imaginação poética desmascara o alienante para enfatizar um processo de conscientização [...]. Na dinâmica textual de comunicação, o jogo deve atingir ao leitor, cuja práxis ideológica a enunciação procura sensibilizar para modelos de articulações dialéticas identificados com as aspirações sociais de nosso povo. (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 58).

Segundo Moacir Gadotti em *Paulo Freire e Amílcar Cabral a descolonização das mentes* (2012) Cabral foi um político comprometido com o raciocínio crítico. Ele entendia que somente através da educação seria possível construir uma consciência crítica e, desta forma, o processo de libertação nacional aconteceria de forma mais racional. Neste sentido percebe-se que a educação foi o objeto que mereceu toda a atenção de Cabral e do PAIGC.

Com o início das lutas coloniais, diversas escolas foram inauguradas na Guiné pelo PAIGC, a fim de alfabetizarem os guineenses. No artigo de Marcelo da Silva em “Amílcar Cabral, o pedagogo da revolução” (2022), o partido tinha como propósito, formar novos combatentes e recrutar crianças para participarem das lutas armadas nas matas da Guiné.

Nos momentos da luta, um professor que conseguisse fazer uma escola ficava muito contente porque a escola era um aspecto da luta. O professor era um combatente como qualquer outro combatente das forças armadas. Antes um professor era avisado que tinha de abrir uma escola em Morés, no sul do país, por exemplo, ou em Canchungo, no Norte. Ele imediatamente carregava a sua mochila, chegava à região, matriculava os alunos e deslocava uma missão para as fronteiras a fim de ir buscar os livros e outros materiais escolares. Dessa missão faziam parte crianças e adultos. Eram construídas as escolas em barracas, as carteiras eram de tara ou palmeira. Assim ficavam prontas as escolas sem problemas. O professor passava a comer juntamente com os combatentes e fazia o seu trabalho com toda a dedicação (FERREIRA, 1977, p. 104-105).

O PAIGC se empenhou de maneira maciça para que o sistema educacional fosse aberto a todos os guineenses. As escolas das zonas libertas eram abertas aos colonizados, neste sentido constata-se que o partido julgava a educação como o principal instrumento de libertação, logo foram abertas, 164 escolas, com 258 professores e 14.531 alunos (SILVA, 2022). Os docentes graduados em Lisboa e simpatizantes à causa eram chamados para ajudarem com o letramento da população que atingia o índice de 90% de analfabetismo.

Em 10 anos, o PAIGC formou muito mais quadros que o colonialismo em 5 séculos. Em 10 anos, de 1963 a 1973, foram formados os seguintes quadros do PAIGC: 36 com curso superior, 46 com curso técnico médio, 241 com cursos profissionalizantes e de especialização e 174 quadros políticos e sindicais. Em contrapartida, desde 1471 até 1961, apenas se formaram 14 guineenses com curso superior e 11 ao nível do ensino técnico (FERREIRA, 1977, p. 106-107)

Nota-se que a educação foi a ferramenta utilizada por Cabral como um objeto de resistência e de reafricanização dos pensamentos colonizados. Cabral sabia que a educação proporcionalizaria a conscientização dos colonizados e a luta também ocorreria no interior do pensamento, assim “em cada área conquistada se criava uma nova escola, em vez de um quartel” (SILVA, 2022, p. 17).

A sua estratégia era mostrar que a liberdade seria possível de ser alcançada caso houvesse a união de todos. *Benôît Denis, em Literatura e engajamento (2002)* comenta sobre o engajamento na literatura e como ela pode servir para externar o contexto histórico e atual arbitrário e opressor:

[...] isso significa que o engajamento procede, numa larga medida, da consciência que o escritor possui da historicidade: ele se sabe situado num tempo preciso, que o determina e determina a sua apreensão das coisas; porque escrever se identifica desde então com projeto de mudar o mundo, e para que a literatura seja um autêntico empreendimento de mudança do real, é preciso que o escritor aceite escrever para o presente e queira “em nada faltar com o [seu] tempo”. (DENIS, 2002, p. 38).

Segundo Lopes (2012), Cabral recusava o título de “líder” demonstrava que o mérito deveria ser de todos que se envolvessem com a causa, assim afirmava, “sou um simples africano cumprindo o meu dever para com o meu país, no contexto de nossa época” (2012, 2011, p. 28). A sua modéstia era percebida quando andava pelas ruas guineenses ou cabo-verdianas e procurava escutar os lamentos da população oprimida. O líder alicerçou os pilares que seriam úteis para a construção de uma “nação”, segundo Ivo Carneiro de Sousa em *Amílcar Cabral, 40 anos: Memórias e alguns Poemas, (2013)*:

Escreveu textos ideológicos importantes sobre a libertação da mulher, explicando também o seu conceito de democracia revolucionária, tratou em detalhe o tema da educação popular, refletiu sobre o sistema de saúde, discutiu as formas de participação e representação políticas, escreveu sobre um Estado descentralizado no qual achava até que era desnecessário, porque centralista e despesista, a existência de uma capital: textos escritos e falados num impecável português, por vezes também saídos de uma pena que sabia mobilizar com qualidade o francês e se desembaraçava num pragmático inglês. (SOUZA, 2013, p. 7).

Segundo VEIGA (2020):

Nele se congregam visões, virtudes, práticas e vivências do foro ético, como: a liberdade e a justiça; a verdade e a honestidade; o respeito e a solidariedade; o desenvolvimento, a valorização e a dignidade da pessoa humana; a cultura da paz e da não violência; a defesa e a promoção da equidade do gênero. (VEIGA, 2020, p. 197).

Amílcar foi um político à frente do seu tempo, procurou atuar em todas as frentes de “batalha”, de poeta a político atuante. Procurou manter boas conexões com países que poderiam dar visibilidade à sua causa. O sistema monopartidário implantado em Cabo Verde e na Guiné-Bissau sob a direção dele chamou a atenção das demais nações pela maneira como conduziu os movimentos de luta nas colônias portuguesas.

Cabral uniu os mais diversos públicos em torno da sua causa e promoveu a unidade em prol dos seus objetivos dos quais fizeram parte diversos grupos sociais como pessoas com instrução, analfabetos, jovens, idosos, mulheres e grandes líderes políticos de outros continentes. A sua inteligência e diplomacia abalaram as estruturas coloniais, pois começou a ganhar o apoio de grandes nações.

Segundo Gomes (2008), Amílcar viajou pelo mundo denunciando o colonialismo português: em 1960, participou da Conferência dos Povos Africanos em Tunis, fez parte da Primeira Conferência de Imprensa em Londres e abriu uma delegação em Cronacri; em 1961, presidiu a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas; entre 1964 a 1968, participou de alguns eventos na ONU; em 1970, foi o primeiro líder negro recebido pelo Papa Paulo VI e discursou para o Pontífice; em 1972, realizou a reunião da Organização da Unidade Africana e da reunião da Unesco.

Daniel Precioso no artigo “O último discurso de Amílcar Cabral: um projeto de Estado binacional para Guiné-Bissau e Cabo Verde (1973)” (2017) explica que durante os pronunciamentos de Amílcar em nome do PAIGC, sempre deixava claro que a sua indignação não seria direcionada ao povo português e sim contra os desmandos fascistas de Salazar. Cabral (1974) comenta sobre não haver problemas em relação aos cidadãos portugueses:

Porque nós, contra os colonialistas portugueses, queremos até mesmo gente desse grupo de brancos, para lutarem ao nosso lado, se eles quiserem. Porque entre os brancos, pode haver uns que são a favor do

colonialismo e outros que são anticolonialistas. Se esses se juntarem a nós, é bom, é mais força contra os colonialistas. (CABRAL, 1974, p. 10).

Em seu último discurso pelo PAIGC, ele citou a história de Portugal no tocante às guerras do Reino Português com o Reino de Castela – entre os séculos XIV e XV - após anos de luta, o Reino português ficou empobrecido e, por este motivo, buscou estender os seus domínios além-mar:

E isso é em cooperação com outros povos, incluindo o povo de Portugal, o qual, em três guerras de libertação contra Castela ou Espanha lutou para conquistar a sua própria expressão política e social, a sua independência, e venceu. Nós, como outros povos que lutaram e venceram, continuaremos em luta sob todas as formas, o tempo que seja necessário, porque estamos na nossa terra e porque temos a certeza de vencer. (PAIGC, 1973 *apud* SOARES, 2020, p. 17)

Nota-se que Cabral resgatou a história de Portugal, a fim de justificar o fim do colonialismo nos territórios anexados. Constata-se que ao escrever um discurso político com a intenção de conscientizar os colonizados, ele transformava os seus escritos em poesia e as palavras ganhavam um novo valor semântico dentro dos parágrafos. Neste sentido, Veiga (2020, p. 287) comentou, “Até numa carta, num relatório (de guerra) [...] até na elaboração de um prefácio, manifestava sua veia poética”.

3.2 Rumo à liberdade

Estes tempos são de certeza do dia alegre
Estes tempos são de combate à podridão
Estes tempos são de rebeldia ao chicote
Estes tempos são de luta armada.

Armando Guebuza

Os acontecimentos mais marcantes na década de 1970, no continente africano, foram o assassinato de Amílcar Cabral e a independência de todas as colônias africanas (MACQUEEN, 1998). As lutas ganharam grandes dimensões, a Guiné Portuguesa era patrocinada pela então União Soviética a qual fornecia

materiais bélicos como, por exemplo, helicópteros e mísseis terra-ar com grande poder de destruição.

Cabral, infelizmente, não viu o seu sonho de liberdade ser concretizado, fora assassinado antes da libertação das colônias. Segundo Gomes (2008) Cabral foi morto por Inocêncio Kani, Lansana Bang e Ioda Nagbogna (mentor), na ocasião do homicídio, o trio confessou que pertenciam ao PAIGC e cometeram o crime a mando de Portugal.

O sangue de Cabral foi derramado no continente africano após anos de dedicação à causa de libertação e o seu legado serviu para dar continuidade ao processo de desmantelamento do colonialismo. A consequência do seu empenho e da sua diplomacia em prol do colonizados foi a queda do regime fascista que ocorreu com a Revolução de 25 de abril de 1974 (Revolução dos Cravos).

Quando ocorreu a Revolução dos Cravos, António de Oliveira Salazar não estava mais à frente do governo português, pois foi afastado em 1968 por problemas de saúde, tendo sido substituído por Marcello Caetano que assumiu o comando de Lisboa. Este levante foi arquitetado pelo major Otelo Saraiva de Carvalho e o seu posto proporcionava informações privilegiadas, visto que no dia em que ocorreu este movimento Portugal estava desguarnecida de militares, “cerca de 80 por cento do exército estava em África” (RAMOS, 2008, p. 710).

Os 13 anos de lutas nas colônias portuguesas refletiram negativamente na economia lisboeta e também contribuíram para o desgaste das tropas que eram deslocadas, muitas vezes, para lugares com condições inóspitas. Portugal utilizou altas somas em dinheiro para manter o exército nos territórios anexados, além disso, o gasto com a compra de materiais bélicos e alimentação aumentava cada vez mais o déficit nos cofres públicos.

Segundo Lincoln Ferreira Secco na tese de doutorado *A Crise do Império Colonial Português*, (2002, p. 98), “a Revolução dos Cravos mostrou como um exército, que foi o sustentáculo de quase 50 anos de fascismo em Portugal acabou tendo suas demandas específicas de solução do problema colonial”, os militares foram a coluna espinhal no que tange a opressão das colônias. Os militares tinham a missão de manter a ordem nos territórios anexados e na Metrópole, visto que segundo Lincoln Ferreira Secco em *Trinta anos da Revolução dos Cravos*, (2004, p. 8), “A ditadura salazarista nunca foi estável. Uma parte do povo português nunca a aceitou. Os oficiais nunca deixaram de conspirar para derrubar o ditador, nota-se

que Portugal e a população estavam igualmente desgastados pelo governo fascista. Segundo Maria de Lurdes Lima Santos, Marinus Pires de Lima e Vitor Matias Ferreira, *O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas*:

A partir do último trimestre de 1973, as lutas dos trabalhadores portugueses alcançaram um volume e uma capacidade de movimentação cuja importância se percebe pelo extraordinário surto de conflitos – greves operárias, reivindicações de salários mínimos, formas de resistência, comportamentos de baixa produção, desorganização oculta do processo de trabalho, conflitos ligados à habitação (ocupações), à saúde, aos transportes, ao ensino, à imprensa e as lutas no campo, desagrega o bloco social que sustentara o fascismo. (SANTOS, LIMA e FERREIRA, 1976, p. 21).

Depois do declínio, do regime fascista os partidos que lideravam os movimentos contra o Salazarismo reivindicaram o comando das novas nações. Segundo Macqueen (1998) o maior receio de Portugal era que o arquipélago pudesse ser utilizado pelas grandes potências mundiais como ponto de parada e abastecimento, portanto, caso a independência ocorresse Lisboa não poderia lucrar com esta situação. Ocorriam muitas greves e manifestações a favor da causa de Cabral. Após a queda do general António Spínola em setembro de 1974, a independência de Cabo Verde foi proclamada em 5 de julho de 1975 e o PAIGC elegeu 56; tendo sido o único partido até 1990.

A saída violenta de Amílcar Cabral do cenário político não calou os anseios de liberdade das colônias portuguesas, pois os movimentos caminharam de forma mais incisiva e, como resultado, todas as colônias tornam-se países independentes. Cabral ganhou várias medalhas post mortem como, por exemplo, Medalha Frederico Joliot-Curie, Medalha Gamal Abdel Nasser, etc. Foi homenageado no Congo, Brasil, Itália, Suíça, Washington, etc. Tornou-se uma das personalidades mais conhecidas da África pelos seus feitos (GOMES, 2008).

Como já informado, Cabral, após a sua morte, foi comparado a Ernesto Che Guevara que é considerado um grande líder da Revolução Cubana. No entanto, possuíam dinâmicas de lutas diferentes. Maria del Carmen Ariet-Garcia em *Che Guevara: Socialismo* (2000) o *Homem Novo e “Terceiro Mundo”* (2000) afirma que Che apostava em um foco único que era o imperialismo (o capitalismo) dos Estados Unidos da América, ou seja, ignorou a dominação colonial que ainda se apresentava na Ásia e na África. Cabral lutava pela libertação das colônias – do continente africano - que era violentada física/mentalmente pelo colonizador.

Segundo Gomes (2008), a união dos cabo-verdianos e guineenses pelas lutas de libertação sempre foi turbulenta, pois Portugal incentivava a diferença no tratamento entre as duas colônias como, por exemplo, no arquipélago havia um maior número de escolas e muitos ocupavam cargos na administração colonial, enquanto na Guiné eram poucos os estabelecimentos de ensino e o índice de analfabetismo era muito superior. Neste sentido, Cabral enfrentou muitas divergências até mesmo na cúpula do PAIGC, pois muitos questionavam o porquê desta unidade das duas colônias. Segundo Augel (2007) Cabral procurou resgatar o sentimento de “irmandade” entre as duas colônias, visto que por muitos séculos Guiné-Bissau e Cabo Verde foram administradas conjuntamente, mas em março de 1879 .

Alda do Espírito Santo, na sua poesia, enaltece a memória de Amílcar Cabral como o comandante da luta de libertação na África portuguesa. Conheceram-se em Lisboa enquanto cursavam as suas respectivas graduações e nos momentos de lazer frequentavam a Casa dos Estudantes do Império (BORGE, 2008).

Em janeiro de 1983, Alda do Espírito Santo fez a abertura do “*Simpósio Internacional Amílcar Cabral*”, em Cabo Verde, na capital da Praia. Ela apontou a relevância de Cabral desde a época em que ele iniciou os estudos em Lisboa até o momento da sua morte. Em seu discurso durante o *Simpósio Internacional*, ela engrandeceu a luta deste líder.

A tônica deste Simpósio e os ensinamentos dele emanados representam a consiga que celebra a grandiosidade deste ato de homenagem a Cabral e a quantos tombaram heroicamente na certeza de um futuro melhor para o povo. Esta homenagem é também uma consagração ao Povo do Arquipélago de Cabo Verde [...]. A libertação de Cabo Verde é a máxima da consagração do pensamento de Cabral. [...] Cabral marcou desde os anos da juventude um contributo precioso à sua evolução e ao seu devotamento à luta do povo [...]

A simplicidade e a coerência de Cabral e o seu poder de comunicação e esclarecer numa linguagem direta a posição da juventude africana face à missão histórica que teria de realizar na Pátria ocupada pelo colonialismo português, constituiu um prelúdio de preparação para as ações diretas no terreno da luta. (ESPÍRITO SANTO, 1983, p. 27-28).

Espírito Santo escreveu a poesia abaixo como forma de homenagear o líder assassinado em 1973. Cabral foi glorificado por muitos poetas no continente africano como Emanuel Braga Tavares, Gabriel Mariano, entre outros. Ela relembra os mártires revolucionários da pátria sonhada.

Requiem para Amílcar Cabral

Chora terra bem-amada
 O teu filho bem-amado
 Morto fisicamente
 Por balas assassinas
 Guevara de África
 te batizaram
 Dias antes
 Da cilada trágica
 Na história da terra africana
 Teu nome ímpar
 apontará aos filhos
 do país natal
 a dignidade da tua vida
 Cimentada com teu sangue
 Cimentando com o sacrifício da existência inteira
 a esperança do futuro
 Duma terra sem madrasta
 As páginas do porvir Contarão ao mundo
 a força da tua personalidade
 dinâmica
 ao serviço da tua inteligência
 Canalizada
 Para os arrozais
 da parcela
 do golfo enquistado
 onde mãe Iva
 te doou à terra
 Não chore mãe Iva
 A terra de África inteira
 De pé
 A teu lado
 Saúda a figura gigante
 do Grande Líder
 da África Ocidental
 Terra bem-amada
 O sangue do herói
 Será transfusão
 Nos anais da tua história
 (ESPÍRITO SANTO, 1978 *apud* CAPUTO, 2008, p. 92-93)

Espírito Santo percorre os versos do poema exaltando a lembrança de Amílcar Cabral como grande líder revolucionário e de resistência. Ele tornou-se o principal personagem na engrenagem das lutas e poderia ser comparado com a história bíblica de Davi e do gigante Golias na qual Davi conseguiu derrotar o gigante durante uma luta. Segundo o *Antigo Testamento*, 1 Samuel 17, (1984) Golias foi derrotado ao levar uma pedrada no meio da testa e ao cair no chão Davi pegou a espada e cortou a cabeça do gigante. Fazendo a alusão aos versos de Espírito Santo com a Bíblia, é possível afirmar que Cabral seria Davi e Golias o colonizador, afinal mesmo depois de morto o seu legado pôs fim aos anos de desmandos de Lisboa.

No verso “Guevara de África” é feita a comparação com o guerrilheiro cubano. Segundo Ariet-Garcia (2000, p. 14), Ernesto “Che” Guevara foi assassinado em 8 de 1967, “foi um homem que viveu sua vida no tempo futuro, em rebelião permanente contra o mundo feito pelo capital e pelo império, e como um lutador pela transformação revolucionária daquele mundo”, apesar de Cabral e Che possuírem ideais diferentes, ambos lutavam e foram assassinados brutalmente. O cubano e Cabral são celebrados como heróis até os dias de hoje.

O eu lírico remete ao sonho utópico de uma sociedade mais justa ao escrever: “esperança do futuro”, pois acreditava que ocorreriam mudanças após o término dos movimentos de libertação, assim, “Na história da América Latina [aqui cabe a África], colonizada, violentada, espoliada e oprimida, a utopia tem sido muito mais do que “o ópio do povo” ou “o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração”. (MARX; ENGELS, 1960 *apud* FAVERO, 2020, p. 20).

Espírito Santo compara o cenário desolador de total desesperança – assassinato de Cabral – com os rumos que o movimento poderia tomar. Cabral é chamado de herói segundo Flávio R. Kothe, *O herói*, (2000, p. 16), “Nenhum herói é épico por aquilo que faz; ele só se torna épico pelo modo de ser apresentado naquilo que fez”. A concepção de herói também poderia ser, de acordo com AUGEL (2007, p. 274), “É a ratificação da noção do herói fundador da nacionalidade, o mitológico guerreiro valente e invencível, o “pai da pátria”, indispensável para a invenção da nação”, neste sentido Amílcar é elevado à categoria de protagonista ao retirar os colonizados da longa noite colonial na qual teve a sua vida ceifada.

O poema de Emanuel Braga Tavares, de 1970, também foi dedicado ao “pai da independência” e escrito originalmente em crioulo pouco depois da sua morte. O nome Amílcar Cabral poderia facilmente ser associado à metonímia de “liberdade”, pois através dele todos conseguiram ter o direito de exercerem a cidadania. Além disso, a sua vida tem o potencial de uma trama-épica dramática como se vê em vários poemas de autores diferentes:

Cabral não morreu
E ecoou pelo monte pela encosta pelo vale
Por todo lado ah Cabral
Em cada um de nós te afirmas,
Estavas vivo Cabral não morreu!

Cabral é noite!/
/

Cabral é consciência!
 Cabral é bandeira!
 Cabral é liberdade!

Djassi é a noite de sono que desperta
 No sossego turbulento da África
 Pela paz das gentes como era o seu sonho
 Na levada livre de água a correr...
 (TAVARES, 1973 apud CAPUTO, 2008, p. 93)

Versão em crioulo:

Kabral Ka Morré

Ki kudi monde namonte na lém na Kobom
 Pâ tudo banda ah Kabral!...
 Alêbo firmina kada nôris
 N'tom bo stábibo Kabral ka morre!

Kabral ê noti!
 Kabral ê koncência!
 Kabral ê bandera!
 Kabral ê liberdadi!

Djassi ê noti'l sono ki áta korda
 No socego turbulência d'Áfrika
 Pá possento d'aima sima si sonho
 Na labada libri ta korê ago.
 (TAVARES, 1973 apud CAPUTO, 2008, p. 93)

O verso “E ecoou pelo monte pela encosta pelo vale” demonstra que o eu lírico tem a consciência da magnitude dos seus feitos e do quão Cabral era conhecido em outros continentes e procurava “metamorfosar a negatividade em positividade” (KOTHE, 2000, p. 12), por esta razão derrubou todas as barreiras.

Segundo Gomes (2008) Abel Djassi era o pseudônimo que utilizava na clandestinidade, ou seja, era uma maneira de não ser identificado pelos soldados coloniais e poder ser mais incisivo nas suas escritas sem correr riscos. Alguns poemas também eram assinados pelo anagrama Larbac (Cabral) escrito de maneira inversa.

No verso “No sossego turbulento da África” verifica-se a presença de uma antítese entre sossego x turbulento, visto que a África estava em plena efervescência e as lutas estavam no ápice. Através do jogo de palavra fica nítido que, “a poesia não se serve de palavras; eu diria antes que ela as serve” (SARTRE, 2004, p. 13).

Moema Parente Augel, em *Vozes que não se calaram*. Heroização, ufanismo e guineidade, esclarece que o poema “Um sonho – uma realidade”, de autoria de Rui Jorge Dias Cabral nascido em 1952 na cidade de Canchungo, foi publicado pela primeira vez em 1993 no jornal guineense no Expresso Bissau em homenagem a Amílcar pelos vinte anos do assassinato. Nota-se que os dois poetas são de épocas diferentes, mas o legado de Cabral ainda permanece vivo na memória dos guineenses.

Um sonho – uma realidade

A lua havia deitado
 O seu véu translúcido
 Nesse canto do mundo.
 Algumas estrelas ínfimas
 Furavam pretensiosamente
 O manto negro e espesso
 Da noite. [...]
 Tudo estava estranhamente calmo.
 Mesmo o vento
 Parecia ter sustido o seu sopro.
 As árvores mudas,
 Feitas estátuas,
 Observavam.
 Únicas testemunhas.
 Uma
 Duas rafalas de metralhadora
 Na noite imaculada.
 Precipitei-me
 Guiado pelo impudico eco
 Que persistia
 No pesado sono
 Da mansa escuridão
 Ora perturbada.
 Cheguei ao lugar
 Onde as armas haviam cuspido
 Os seus germens assassinos.
 E vi-o.
 Segurava,
 Estremecendo nos seus braços,
 A sua esposa
 Frágil e amorosa,
 E um sorriso tranquilo
 E sereno
 Iluminava o seu rosto,
 Um rosto radiante
 De luz, de vitória
 (CABRAL, 2010 *apud* AUGEL, 2010, p. 21).

Os versos trazem a saga dos heróis da colonização, assim segundo Kothe (2000, p. 28 - 29), “as epopeias clássicas giram em torno do poder e sugerem a ideia de que a epopeia é a história dos vencedores, [...] e as epopeias a que se referem

até hoje nos convencem de sua grandeza”. Nota-se que a história do arquipélago pode ser vista nas poesias pré e pós-independência, pois fazem parte do que foi vivido pelos habitantes da terra na qual as suas raízes estão cravadas desde os seus antepassados. Segundo AUGEL (2007):

A narrativa da nação é gravada nos gestos nacionais, nos eventos históricos marcantes, nos símbolos e nos rituais nacionais, todos esses artefatos que “simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido a nação” (HALL, 2000 *apud* AUGEL 2007, p. 281).

O poema de Cabral retoma a temática das lutas imperiais, pois exalta os feitos grandiosos dos heróis daquele momento turbulento no qual muitos perderam a vida em benefício da libertação dos demais. Segundo Augel (2010) o poema relata a verdadeira história épica em que o eu lírico intercala a realidade com os fatos históricos com fatos da sua imaginação poética. O título do poema “Um sonho – uma realidade” remete ao que foi desejado durante os períodos de guerra, ou seja, a liberdade.

Muitos poetas tentam exaltar a memória dos guerrilheiros mortos nos campos de combate, para que os seus ideais não se percam. É importante que o sonho utópico de Cabral sempre permaneça vivo, pois assim lembrarão como é fundamental manter a “coletividade” em prol da “liberdade”. Além disso, o resgate da sua memória seria mostrar que as suas convicções não sucumbiram à corrupção durante a caminhada do projeto da África livre.

3.3 Os descaminhos da independência

Um dos erros mais sérios,
se não
o erro mais grave,
cometido por poderes coloniais
na África,
pode ter sido ignorar
ou subestimar
a força cultural dos povos africanos.

Amílcar Cabral

Ao longo da década de 1970 ocorreu uma mudança significativa a respeito do cenário político a ser seguido, além disso, a desilusão e o desgaste provocados pelas faltas cometidas pelas novas direções nacionalistas revolucionárias acarretaram na insatisfação dos africanos das ex-colônias. Durante as guerras de independência, o africano acreditou que o novo Estado proporcionaria os direitos básicos para o exercício da cidadania e um futuro mais promissor.

A maioria das jovens nações africanas tinha pouca margem de manobra, devido à falta de recursos e as condições de quase miséria imposta por Portugal. Neste sentido, procuraram as grandes potências com as quais pudessem se alinhar. Muitas nações imperialistas mostraram-se dispostas a “ajudar” as nações recém-independentes, mas o objetivo era lucrar com contratos longos e juros altos. Por este ângulo, é estabelecida uma relação de dependência destas novas nações que sempre idealizaram a alforria do pensamento/social.

Segundo Macqueen (1998), Cabo Verde teve pouco investimento no que tange à infraestrutura enquanto colônia portuguesa como, por exemplo, poços artesianos para minimizar os períodos da crise hídrica e tratamento do solo para a agricultura. Na década de 1980, arquipélago importava 90% do que consumia e comprou 27 000 acres de terra no Paraguai, a fim de suprir as suas necessidades alimentares. O país estava empobrecido devido aos anos de exploração da Metrópole, portanto, correspondia a estratégia do neocolonialismo cujos objetivos eram aliar-se às colônias recém-libertas e empobrecidas pelo colonizador. Kwame Nkrumah, *MALHAS QUE OS IMPÉRIOS TECEM* (2011) textos anticoloniais, contextos pós-coloniais, discute sobre como ocorre o processo do neocolonialismo:

a forma que o neocolonialismo apresenta hoje em África reveste-se de alguns destes traços. Atua encoberta, manobrando homens e governos, liberto do estigma da dominação política. Cria Estados-clientes, que são independentes no papel, mas que na realidade, continuam a ser dominados pela própria potência colonial que supostamente lhes deu a independência. É uma das “diversas espécies de países independentes que, no plano político, gozam de uma independência formal, mas que, de fato estão encurralados na rede da dependência financeiro e diplomático”. (NKRUHMAH, 2011, p. 288).

Achille Mbembe, em *Políticas da inimizade*, define a África como ponto de partida para o futuro, ou seja, a criação de um novo espaço. Nesta perspectiva, existe a possibilidade de transformar o mundo da morte no mundo da vida. A teoria da morte é a realidade colonial e neocolonial, porém, a teoria da vida que é uma

sociedade universalizada, justa, liberta física e psicológica. Achille Mbembe, em *Sair da Grande Noite*, elucida sobre a necessidade de libertação do pensamento:

No pensamento da descolonização, a humanidade não existe a priori. Deve fazer-se surgir pelo processo através do qual o colonizado desperta para a consciência de si, apropriando-se subjectivamente do seu eu, desmonta a sua cerca e permite-se falar na primeira pessoa. Em contrapartida, o despertar para a consciência de si ou ainda a apropriação de si não visam unicamente a realização do eu, mas também - e ainda mais significativamente - a ascensão em humanidade, um recomeço da criação, a abertura do mundo. (MBEMBE, 2014, p. 59).

As novas nações durante o período da expansão capitalista eram rotuladas de países periféricos, pois as grandes economias tinham o pretexto de fomentar a modernização e assim criaram uma colonização camuflada (AUGEL, 2007). O neocolonialismo reflete um controle mais sutil comparado com o imposto pela Metrópole durante o regime colonial, assim ocorreria a aproximação da elite burguesa da ex-colônia com o poder da potência “financiadora”. Neste sentido, ambas manteriam uma troca de interesse em detrimento das reais necessidades do africano, dialogando com o pensamento de Fanon (2008, p. 176): “as relações de dependência ocorrem com o desmantelamento do outro”.

Segundo Lopes (2012), após o fim do colonialismo, era preciso perpetuar o idealismo dos líderes mortos nos campos de batalha ou assassinados. Os ex-colonizados perceberam que a situação das atuais nações pouco mudou. O abandono e as condições sub-humanas permaneceram nas antigas ex-colônias.

Neste sentido, percebe-se que houve a continuidade das desigualdades sociais e a falta de oportunidades para os africanos, dialogando com o pensamento de Veras (2020, p. 293): “a distopia se realiza como um colocar-se em continuidade com o processo histórico, o que acaba ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente”.

Depois da independência de Cabo Verde, os antigos combatentes possuíam pouca qualificação para o trabalho, pois a Metrópole não investiu na educação de maneira consistente. O PAIGC durante as lutas de libertação assumiu este encargo, mas não foi o suficiente. Segundo Lopes (2012, p. 40): “O sistema colonial educacional fora concebido para induzir a subserviência aos senhores coloniais”.

Muitos militares cabo-verdianos de baixa patente que eram analfabetos não foram agraciados com vantagens, benefícios ou compensação financeira. Os guerrilheiros de alta patente e a elite que já estaria no poder antes da libertação

foram elevados ao posto de heróis nacionais. Além disso, a cúpula dos combatentes ocupou postos de alto comando na administração da ex-colônia. Neste sentido, o africano viu-se insatisfeito com as promessas não cumpridas, pois os salários eram baixos e não eram pagos regularmente. As greves tornaram-se comuns e o governo ficou cada vez mais desacreditado. (LOPES, 2012).

Em 2023, Amílcar Cabral completou 50 anos de morte e foram realizadas várias homenagens. Cabo Verde promoveu eventos para que a memória de herói e “pai da independência” permaneça viva nos cabo-verdianos nascidos após a libertação das colônias. Alguns países promoveram homenagens a Cabral em 2023 como, por exemplo, Dakar (capital e a maior cidade do Senegal) que ministrou um Colóquio Internacional, em janeiro de 2023, sob o tema “Amílcar Cabral 50 anos depois”, participaram: universitários, pesquisadores e demais intelectuais de dez países, inclusive de Cabo Verde. (EXPRESSO DAS ILHAS, 2023).

Lisboa também rendeu homenagens pelo cinquentenário da morte dele, em janeiro de 2023, com o Colóquio “Amílcar Cabral e a História do Futuro” que objetivou lembrar a sua obra, personalidade e pensamento, além disso, a importância deste evento foi de ter ocorrido na capital do antigo berço do colonialismo. (ESQUERDA. NET, 2023).

Carlos Lopes, em *O legado de Amílcar Cabral face aos desafios da ética contemporânea* (2012) afirma que a imagem de Amílcar pode ser encontrada na Guiné e em Cabo Verde em diversos lugares como, por exemplo, em selos, em cédulas, em monumentos, em nomes de ruas, em empreendimentos e em posters espalhados pelas cidades.

Há personagens da história de um povo que personificam a "alma" desse povo segundo a ideologia que num certo momento seja a dominante. [...]

Um grande personagem nunca é patrimônio exclusivo de uma nação. Assim que ele alcança um nível artístico, passa a fazer parte do progresso de toda a humanidade, e tanto mais Estados procuram aproveitar-se disso. (KOTHE, 2000, p. 55)

Constata-se que Cabral sempre será lembrado pela humanidade e ganhou status de celebridade. Foi o político mais completo do século XX, a sua ética fez toda a diferença no continente africano e através dela foi possível o nascimento das novas nações africanas da década de 1970.

Em 2020, o Instituto Nacional de Estatística, de acordo com dados do *Anuário Estatístico de Cabo Verde de 2020*, a educação básica no arquipélago evoluiu no primeiro ciclo (1º ano ao 4.º ano), (2020, p. 65), “2016: 86,2 (meninos), 2017: 88,9 (meninas); 2018: 82,4 (meninos); 2019: 84,2 (meninas)”. Nota-se que o sonho utópico de Cabral se concretizou, pois a educação era algo que ele sempre defendeu para homens e mulheres, afinal a “educação era o pilar base do seu projeto de luta” (BORGES, 2008, p. 27). Além disso, ele argumentava que as mulheres deveriam ser tratadas com respeito e dignidade na sociedade.

convencer as mulheres da nossa terra de que a sua libertação deve ser obra delas mesmas, pelo seu trabalho [...], respeito próprio, personalidade e firmeza diante de tudo quanto possa ser contra a sua dignidade. (CABRAL, 1974, p. 27).

A diferença na formação feminina também é constatada em relação aos cursos de graduação.

2017/18
Homens > 505
Mulher > 915

2019/20
Homens > 794
Mulher > 933

2020 (Proporção de diplomados no ensino superior)
Homens > 46,0%
Mulher > 54,0%
(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019 *apud* Anuário Estatístico de Cabo Verde, 2020, p. 77).

Segundo o *Anuário Estatístico de Cabo Verde de 2020* (2019), as escolas atendiam às necessidades dos alunos como, por exemplo, água potável de qualidade, esgoto sanitário, energia elétrica e algumas tinham laboratório de informática. Dados referentes aos anos 2019 a 2020:

Ensino básico obrigatório: 1º ano ao 8º ano > 386 escolas;
Alunos > 84,245
Professores > 4,213
Ensino secundário: 9º ano ao 12º ano > 44 escolas;
Alunos > 28,121
Professores > 2,316
(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019 *apud* ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE CABO VERDE, 2020, p. 71).

Durante as lutas coloniais, Cabo Verde não possuía faculdades públicas ou privadas, visto que Amílcar Cabral e outros colonizados partiram para Lisboa, a fim de cursarem o ensino superior. No entanto, atualmente, o arquipélago possui estabelecimentos de ensino superior:

Públicas:

Universidade de Cabo Verde (Uni-CV);
Faculdade de Educação e Desporto (FAED).

Particulares:

Universidade do Mindelo (Uni-Mindelo);
Universidade Lusófona (UL);
Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais;
Mindelo Escola Internacional de Arte;
Universidade Jean Piaget (Uni Piaget);
Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais (ISCJS);
Universidade Intercontinental de Cabo Verde (UNICA);
Universidade de Santiago (US).
(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019 *apud ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE CABO VERDE*, 2020, p. 76).

No que se refere ao mercado de trabalho, dados de 2022, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) através da Resolução I da 19ª CIST, (2013, p. 1):

a população de 15 anos ou mais, em idade para desempenhar uma atividade económica e que representa a força de trabalho do país, foi estimada em 352 494 indivíduos, representando 71,8% da população total. (CABO VERDE, 2023, p. 1).

Segundo o (INE, 2022), a taxa desemprego da população ativa dos 15 aos 35 anos, em 2022, estava em 12.1% e a taxa de subemprego em 12.6%. Do total de 176,773 de trabalhadores, dentro da faixa dos 15 aos 35 anos, 51,654 estavam desempregadas: 67,4%, não possuíam o nível secundário completo; 23,6% possuem o nível secundário; 9,0% têm nível pós-secundário completo; 5,1 têm ensino superior completo, 50.5% da população estava empregada. Repare-se que somente 50.5% dos cidadãos trabalham, pode-se dizer que é pouco e que muitos cabo-verdianos abandonam os estudos, aliás, a quantidade com cursos superiores era ínfima. Percebe-se o alto número de cidadãos que estavam fora do mercado de trabalho por falta de qualificação. Assim sendo, a evasão escolar aliada ao alto número de reprovação impacta no momento de conseguir alguma vaga no mercado de trabalho.

A água de boa qualidade ainda não chega para todos, segundo o Fundo de saneamento e água, FASA, (2017), - órgão governamental de Cabo Verde – a sua

posição geográfica propicia a aridez do solo. A crise hídrica sempre foi o entrave para o desenvolvimento da economia, desde os tempos da monarquia. As poucas chuvas aliadas e os longos períodos de seca durante a história de Cabo Verde ocasionaram várias mortes, por este motivo as ilhas utilizam cada vez mais água dessalinizada, estima-se que o consumo estaria em torno de 80%, para suprir as necessidades da população. Em relação ao saneamento:

A situação da cobertura da rede de esgotos é ainda mais grave, cobrindo apenas cerca de 23,5% da população nas zonas urbanas e menos de 1% nas zonas rurais com consequências diretas na saúde pública e na sustentabilidade ambiental. (CABO VERDE, 2017, p. 24)

Nesta perspectiva, o país está tentando resolver os problemas decorrentes da falta d'água que assola as ilhas. O governo pretende investir nos próximos 20 anos o total de EUR 31,7 milhões (FASA, 2017). Cabo Verde empenha-se em solucionar os problemas que já o perseguem de longa data, assim nota-se que a utopia tão presente nas épocas das lutas ainda não foi atingida. À vista disso, abre espaço para uma nova utopia e segundo Adriana Caúla, em *Trilogia das utopias urbanas*, (2019, p. 17), “A cada nova imagem utópica urbana, a cada atualização, a estrutura cresce, se modifica absorvendo as novas criações”, e essas novas criações abrirão espaço para uma reconfiguração da cidade idealizada.

Segundo o Ministério da Saúde (2007), os cabo-verdianos ainda permanecem descontentes com os serviços prestados à população. Os atendimentos continuam sem qualidade. O Estado prontificou-se a pensar em uma Política Nacional de Saúde, a fim de suprir as carências e desenvolver o que estivesse deficitário. Através dos relatórios constantes emitidos pelo sistema de saúde, como preconiza o Estado às entidades locais, será possível desenvolver políticas públicas mais assertivas. Segundo o Ministério da Saúde em 2023 foi empregado na capacitação dos profissionais de saúde e lançou várias campanhas como, por exemplo, da vacinação (HPV) e câncer de mama, além disso, está prevista a contratação de mais profissionais de saúde para 2024. Ainda não é o ideal, mas o governo de Cabo Verde está caminhando, visto que já projetou para o próximo ano investimentos na área da saúde, portanto, estabelece uma nova oportunidade de utopia.

CONCLUSÃO

Amílcar Cabral é o pai da nacionalidade cabo-verdiana e guineense sendo considerado um herói da África portuguesa. Em 2023, completou 50 anos de morte e recebeu inúmeras homenagens. A sua postura ética e humanista perante as adversidades enfrentadas no continente africano, durante as lutas independentistas, conquistou vários líderes políticos e católicos.

A sua veia poética e o senso crítico foram despertados através do seu pai Juvenal Cabral, pois era um homem com grande consciência política e social em relação ao colonialismo. Cabral foi um político completo, visto que foi engenheiro agrônomo, autor de vários livros, poeta, professor e hábil diplomata. A sua liderança garantiu a liberdade da Guiné-Bissau e de Cabo Verde da brutal dominação colonial.

Ao se dirigir para Lisboa, o sentimento nacionalista e anticolonialista despertaram e com isso o seu senso crítico ficou mais aguçado em relação aos problemas vividos na África portuguesa. A Casa dos Estudantes do Império e o Centro de Estudos Africanos fizeram com que Cabral tivesse contato com vários graduandos oriundos de outros territórios anexados e a partir daí se formou a “Geração Cabral” que seriam os futuros líderes políticos das suas respectivas colônias.

Após a conclusão da graduação em 1952, retornou à Guiné e a partir daí começou a agir diplomaticamente em prol da libertação das colônias. A sua veia poética foi o canal utilizado, a fim de conscientizar a população sobre os desmandos do colonizador. Os seus poemas combativos e utópicos retratavam os fatos que aconteciam na sociedade cabo-verdiana. O eu coletivo utilizado nos versos e estrofes refletia a voz da África negra portuguesa.

Cabral fundou o PAIGC em 1956 após o massacre dos trabalhadores do porto de Pindjiguiti. Demorou a decidir pela luta armada, pois tentou até o último momento a libertação através da diplomacia. No entanto, em 1963 as lutas começaram nas matas da Guiné, mas Cabo Verde devido às condições inóspitas não conseguiu desenvolver as guerrilhas.

O início das lutas trouxe uma grande problemática que foi o alto índice de analfabetismo na Guiné, visto que Portugal pouco investia neste quesito. Ele sabia que a educação seria uma grande aliada contra o colonialismo português, pois

somente desta forma poderia desalienar e descolonizar a mente. O PAIGC abriu várias escolas em cada área que conquistou na Guiné o princípio dele era pautado nos direitos que lhes foram recusados por séculos como, por exemplo, serviços básicos de saúde, água de qualidade, educação, salários dignos, direito a terra entre outro.

O assassinato de Cabral em 1973 foi um golpe no movimento, mas não calou a voz da população oprimida por cinco séculos. As lutas continuaram mais incisivas e com mais materiais bélicos financiados por outras nações. A sua morte serviu para derrubar o regime fascista com a Revolta dos Cravos e a partir daí começou o processo de independência das colônias portuguesas. Portugal estava enfraquecido economicamente, devido os 13 anos de lutas de libertação.

Ao ser assassinado, foi homenageado por vários países e muitos poetas de diversas colônias escreveram poesias enaltecendo os seus feitos e deram-lhe o título de herói. Amílcar não viu o seu sonho realizado, pois foi assassinado em 20 de janeiro de 1973 e a Guiné foi liberta em 24 de setembro de 1973.

O sonho utópico de Cabral está se concretizando, apesar de passados 50 anos após a sua morte. Cabo Verde pode ser considerada uma Nação ainda em fase de crescimento, visto que se passaram apenas 48 anos. O Arquipélago vem investindo nos serviços básicos com políticas públicas como, por exemplo, saúde, educação e água. A educação foi o fator que mais se desenvolveu com o crescente número de escolas da educação básica e diversas faculdades – públicas e particulares. Nota-se que a partida precoce deste humanista reverbera até hoje, visto que ele ainda sustenta o seu título de herói do continente africano.

Educar-nos; Educar outras pessoas, a população em geral, para combater o medo e a ignorância, para eliminar pouco a pouco a sujeição à natureza e forças naturais que nossa economia ainda não dominou.

Amílcar Cabral

REFERÊNCIAS

ABADIA, Danúbia Mendes. *As lutas anticoloniais em Guiné-Bissau e Cabo-Verde sob a perspectiva ideológica e a trajetória política de Amílcar Cabral (1960-1974)*. 2918. 359 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, 2018.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *De voos e Ilhas - Literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

_____. *Literatura História e Política*. São Paulo: Editora Ática. 1989.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Unochapecó. 2019

ALCÂNTARA, Osvaldo. *Cântico da manhã futura*. Lisboa: ALAC, 1991.

ANDRADE, Abrahão Costa Andrade. *Em qué a poesia faz pensar?*. João Pessoa: UFPB, 2016

ANDRADE, Mario de. *Antologia Temática de Poesia Africana - o Canto Armado 2*. Portugal: Editora Lisboa, 1979.

ANDRADE, Mário de, 1893-1945. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Martins; 1974.

ANTIGO TESTAMENTO: BÍBLIA, A. T. Eclesiastes. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 54ª Edição. Rio de Janeiro - RJ: Editora Imprensa Bíblica Brasileira, 1984.

ARANHA, P. W. de B. *Subsídios para a história do jornalismo nas províncias ultramarinas portuguesas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

ARIET-GARCIA, Maria del Carmen. *Che Guevara: Socialismo, o Homem Novo e "Terceiro Mundo"*. Tradução de Dafne Melo. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2000.

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AUGEL, Moema Parente. *Vozes que não se calam*. Heroização, ufanismo e guineidade. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 13-27. 2010

BANDEIRA, Manuel. Vou-me embora para Pasárgada. In: *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 143-144.

BAPTISTA, Marcelo Quintino Galvão. "Ilhas de Cabo Verde: alguns aspectos de sua realidade". *Revista OLHAR*, ano 04, n 7, p. 120, jul./dez. 2003.

BARBOSA, José Luiz. “A cidade do devir na Utopia de Thomas Morus”. *GEOgraphia* -Ano V - No 10 - 2003.

BARROS, Simão de. “Origem das Colônias de Cabo Verde”, in: *Cadernos Coloniais*, n 56, Lisboa: Ed. Cosmos, 1939, p. 40.

BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: Unesco, 2010.

BORGES, Sónia Vaz. *Amílcar Cabral: Estratégias políticas e culturais para a independência da Guiné e Cabo Verde*. 2008. 173 f. Dissertação (Mestrado em História de África). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

BOSI, Alfredo. (org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

BRASIL. Secretaria da Educação do Paraná. Portal CELEPAR. Galerias de Imagens > > *A experiência humana no tempo*. Versão online. Curitiba, 2020. Disponível em

<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=437&evento=3#:~:text=Pas%C3%A1rgada%20era%20uma%20cidade%20da,quil%C3%B4metros%20a%20nordeste%20de%20Pers%C3%A9polis>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CABRAL, Amílcar. “Apontamentos sobre a poesia caboverdiana”. In: *Revista de Cultura Vozes*, N. 1 / 1976 / Ano 70 p. 15 a 21.

_____. *Unidade e Luta*. Cabo Verde: Seara Nova, 1976.

CABO VERDE. Estatísticas do Mercado de Trabalho, IMC 2022. 2023. Santiago: Imprensa Oficial. 2022. Disponível em: <https://ine.cv/mercado-de-trabalho/> Acesso em: 20 nov. 2023

_____. Fundo de Água e Saneamento de Cabo Verde. Santiago. 2017. Disponível em: <https://www.fasa.gov.cv/>. Acesso em: 20 nov. 2023

_____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cabo Verde. 2023. Disponível em: <https://www.governo.cv/ministra-da-saude-detalha-estrategias-e-desafios-no-orcamento-de-2024-do-ministerio-da-saude-de-cabo-verde/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

_____. MINISTÉRIO DO AMBIENTE, HABITAÇÃO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO. Cabo Verde. 2013. Disponível em: <https://maa.gov.cv/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. *O Estudo analítico do poema*. São Paulo: USP, 2006.

CARREIRA, António. *Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Lisboa: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

- CAÚLA, Adriana. *Trilogia das utopias urbanas*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. 1974. Tradução de. Theo Santigo. São Paulo, 1974.
- COELHO, Teixeira. *O que é utopia?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento de Pascal a Sartre*. Trad. Luiz D. A Roncari. Bauru - SP: Edusc, 2002.
- EVOLUÇÃO, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/evolucao>.
- Expresso das Ilhas. *Colóquio Internacional em Dakar, com participação de Cabo Verde, marca 50 anos do desaparecimento de Amílcar Cabral*. Inforpress. Cabo Verde, 2023. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2023/01/18/coloquio-internacional-em-dakar-om-participacao-de-cabo-verde-marca-50-anos-do-desaparecimento-de-amilcar-cabral/83987>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- Esquerda. Net. *Colóquio "Amílcar Cabral e a História do Futuro"*. Esquerda. Cabo Verde. 2023, Disponível em: <https://www.esquerda.net/videos/em-direto-coloquio-amilcar-cabral-e-historia-do-futuro/84744>. Acesso em: 20 nov. 2023
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa. Editora ULISSEIA, 1961.
- _____. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Amílcar Cabral - o poeta da liberdade*. Portal Templo Cultural Delfos. Brasil, 2015. Disponível no link. <https://www.elfikurten.com.br/2015/09/amilcar-cabral.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- FERNANDES, Antero da Conceição Monteiro. *Guiné-Bissau e Cabo Verde: da unidade à separação*. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos). Universidade do Porto Lisboa, Lisboa, 2007.
- FERREIRA, Eduardo de Sousa. *O fim de uma era: O colonialismo Português em África*. Tradução de Maria Nazaré de Campos. Portugal: Terceiro mundo, 1977.
- FERREIRA, Manuel *O Discurso no Percurso Africano I*. 1.^a Edição. Lisboa: Plátano Editora, 1989.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- GARMES, H. *O pioneirismo político e literário da Revista de Cabo Verde*. *Scripta*, v.10 n.19, 15-24, 2006.

GOILDSTEIN, Norma Seltzer. *Versos, sons, ritmos*. 14.ed.rev, e atualizada - São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

HERNANDEZ, Leila Leite. *Os filhos da terra sol: a formação do Estado-nação em Cabo Verde*. São Paulo: Summus, 2002.

Instituto Nacional de Estatística. Anuário Estatístico de Cabo Verde. Santiago: Imprensa Oficial. 2020. Disponível em: <https://ine.cv/publicacoes/anuario-estatistico-de-cabo-verde-2020/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo: Ática, 200.

LOPES, Baltasar (Org.). *Claridade: revista de arte e letras*. N 1, p. 85 – 137, 1936.

LIMA, Norma Sueli Rosa. “*Literatura Cabo-verdiana e hibridismo: diálogos com a Literatura Modernista Brasileira e criouliização*”. *II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidade*. v. 1, n 2, ago/ 2014.

_____. “*Literatura cabo-verdiana em trânsito*”. *Revista SOLETRAS*. n 38, p. 339-362, dez/ 2019.

_____. *Claridade Revista (2000-2013)*. Literafro - O portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte, 2021. Versão online. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literaflicas/literatura-cabo-verdiana/1572-norma-sueli-rosa-lima-claridade-revista-2000-2013>. Acesso em: 20 nov. 2023.

_____. *Claridade Revista: os reis Dom Sebastião e Momo em Cabo Verde*. Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira. 2021. Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literaflicas/literatura-cabo-verdiana/1573-norma-sueli-rosa-lima-claridade-revista-os-reis-dom-sebastiao-e-momo-em-cabo-verde>> Acesso em: Acesso em: 20 nov. 2023.

LOPES, Carlos. *Desafios contemporâneos da África: O legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

_____. O legado de Amílcar Cabral face aos desafios da ética contemporânea VIA ATLÂNTICA, SÃO PAULO, N. 21, 27-44, JUL/2012.

LUKÁCS, Georg. Arte livre ou arte dirigida? in *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão popular, 2010.

MACQUEEN, Norrie. *A Descolonização da África: A Revolução Metropolitana e a Dissolução do Império*. Tradução de Mário Matos e Lemos. Portugal: Editorial Inquérito, 1998.

MATA, Inocência, *A Casa dos Estudantes do Império e o lugar da literatura na consciencialização política*. Lisboa: UCCLA. 2015.

MBEMBE, Achille. *A Crítica da razão negra*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. *Sair da Grande Noite: ensaios sobre a África descolonizada*. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

MELO, Luís Carlos Alves de Melo. “A poesia intimista-militante guineense: elos entre a literatura e o engajamento político”. *Sriptorium* v. 4, n. 2, p. 148-163, jul.-dez. 2011
MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MONIZ, Elias Alfama. *Percalços do ensino colonial em Cabo Verde: Século XVI aos anos 40 do século XX*. *Revista E-Curriculum PUC-SP*, São Paulo, v. 3, n. 1, p 1-20

NKRUHMAH, Kwame. “O Neocolonialismo em África”. In. *MALHAS QUE OS IMPÉRIOS TECEM*. SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). Lisboa: Edições 70, 2011. p. 287-307.

OLIVEIRA, R. de C. M. *Breve Panorama do Modernismo no Brasil – Revisitando Mário e Oswald de Andrade*. *Revista de Literatura, História e Memória, [S. l.]*, v. 8, n. 11, 2012. Versão online. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/6493>. Acesso em: 30 jan. 2024.

OSÓRIO, Oswaldo. *Emergência da Poesia em Amílcar Cabral: 30 poemas*. Praia: Grafedito, 1983.

_____. Uma literatura nascente: a poesia anterior a Claridade / In: *Cabo Verde: insularidade e literatura* / Manuel Veiga Org. - Paris: Karthala, 1998. - p. 109-113

PAQUOT, Thierry. *A utopia*. São Paulo: Record. 1999.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

_____. *Signos em rotação*. Editora Perspectiva, São Paulo: 1976.

PRECIOSO, Daniel. O último discurso de Amílcar Cabral: um projeto de Estado Binacional para Guiné-Bissau e Cabo Verde (1973). *Revista Temporalidades: Belo Horizonte*, n.2, vol. 9, mai./ago. 2017)

RAMOS, Rui (Org.). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros. 2009.
REUTER, Yves. *Introdução à Análise do Romance*. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Tradutores: Silvio Rosa Filho e Thiago Martins.. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

SANTOS, Daniel dos. *Amílcar Cabral: um outro olhar*. Lisboa: Ed. Chiado, 2014.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima; LIMA, Marinús Pires de; FERREIRA, Vitor Matias Ferreira. *O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas*. Portugal: Edições Afrontamento, 1976.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Mar, memória e metapoesia na lírica cabo-verdiana*. Revista Cerrados n 6, 41–50, 1997.

SECCO, Lincoln Ferreira. *A Crise do Império Colonial Português: Economias, Espaços e Tomadas de Consciência (1961-1975)*. 2003. 282 f. Tese (Doutorado em História Econômica) São Paulo: Faculdade de História. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2003.

_____. Trinta anos da Revolução dos Cravos. *Revista ADUSP*. n 1, p. 6-12. 2004.

SOUSA, C. M., org. “*Utopia, ainda que tardia*”. Campina Grande, 2016. Versão online. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kcdz2/pdf/sousa-9788578794880-01.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2024.

SILVA, Marcelo da, CASSIANI. (2022). Amílcar Cabral, o pedagogo da revolução. *Revista Sergipana De Educação Ambiental*, n. 9, n. 2, 1–19. 2002.

SOUSA, Ivo Carneiro de. *Amílcar Cabral 40 anos de memórias e alguns poemas*. Tribuna de Macau. Macau. Lusofonias, nº 08 | 05 de Agosto de 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

TENGARRINHA, José (Org.). *História de Portugal*. São Paulo: Editora da UNESP. 2000.

VERAS, Mariana Rodrigues; FAVERO, Celso Antonio. “Bem viver: o reencontro da utopia”. In: *Distopias e utopias: entre os escombros do nosso tempo*. FAVERO, Celso Antonio; FREITAS, Carlos Eduardo Soares de; TORRES, Paulo Rosa (Org.). Salvador: EDUFBA, 2020. p. 289-341.

VEIGA, Manuel Monteiro da. *Letras que Imortalizam*. Praia: Acácia, 2020.